



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JÉSSICA MARIA VIDAL

**REPERCUSSÕES DA LUTA DE PATRICE LUMUMBA PELA INDEPENDÊNCIA
CONGOLESA NAS PÁGINAS DO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO* (1960-1969)**

RECIFE, 2025

JÉSSICA VIDAL

**Repercussões da luta de Patrice Lumumba pela independência congolesa nas páginas do
*Diário de Pernambuco (1960-1969)***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de licenciatura em História da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em História.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Luiza Nascimento
dos Reis.

RECIFE
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vidal , Jéssica Maria.

Repercussões da luta de Patrice Lumumba pela independência congolesa
nas páginas do Diário de Pernambuco (1960-1969) / Jéssica Maria Vidal , -
Recife, 2025.

60 : il., tab.

Orientador(a): Luiza Nascimento dos Reis
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura,
2025.

Inclui referências, anexos.

1. Patrice Lumumba. 2. Congo Belga. 3. África. 4. Independência africana.
5. Diário de Pernambuco. I. Reis, Luiza Nascimento dos. (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

JÉSSICA MARIA VIDAL

**REPERCUSSÕES DA LUTA DE PATRICE LUMUMBA PELA INDEPENDÊNCIA
CONGOLESA NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1960-1969)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em História da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em História.

Aprovado em: 15/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luiza Nascimento dos Reis (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. GRAZIELLA FERNANDA SANTOS QUEIROZ
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. GISELDA BRITO DA SILVA
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, sou imensamente grata a todas as forças positivas que me guiaram e sustentaram até a conclusão desta monografia. Apesar das diversas demandas da vida fora da universidade, que muitas vezes dificultaram o meu processo de escrita, cheguei a duvidar que conseguiria concluir a tempo. No entanto, como diz o velho ditado: "Eu sou brasileira e não desisto nunca" ou, ainda: "A esperança é a última que morre!" Dedico este trabalho à Sônia Maria Vidal, minha mãe, a pessoa que mais amo neste mundo.

Dedico também à minha companheira e melhor amiga, Uézila Victória Felipe Lopes da Silva, que me acompanhou durante toda a graduação, sempre me apoiando nas questões tecnológicas e burocráticas da academia, além de me oferecer palavras de persistência e incentivo. Agradeço aos meus amigos que conheci ao longo da graduação, em especial ao professor Isaac de Souza Assunção, que sempre que eu não conseguia encontrar uma notícia ou algo relacionado ao Congo, me enviava materiais pertinentes; à professora Aurenice, que sempre trouxe colocações valiosas sobre o continente africano; à Maria das Neves Maranhão (Nevinha); aos professores Remo Mutzenberg e José Bento, que me auxiliaram indicando leituras e tirando possíveis dúvidas. Agradeço à Amanda Vitória, que, mesmo sendo tão jovem, possui uma imensa bagagem sobre a História da África, especialmente no campo das antiguidades, e sempre me ajudou com questões relevantes.

Agradeço também a professora Valéria Costa de História da África, por me deixar assistir suas aulas sempre que necessário, ao Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (Laberer), coordenado pela professora Ceça Reis.

Ao grupo de estudos (Afrika'70), coordenado pela minha querida professora e orientadora Luiza Reis, que corroborou significativamente para o meu desenvolvimento acadêmico, proporcionando um ambiente de troca de conhecimento, reflexão e aprofundamento nas temáticas envolvendo a História da África e em especial por me apresentar uma figura que, até então, era desconhecida para mim: Patrice Lumumba, que é a figura central deste trabalho e a quem tenho uma imensa admiração.

Também não poderia deixar de citar e agradecer ao depósito de reciclagem de Dona Nicinha, localizado no bairro de Afogados, que, desde minha infância até os dias atuais, ainda funciona como uma espécie de biblioteca para mim.

Agradeço a todos os amigos africanos que conheci ao longo da graduação e que me mostram diariamente o continente africano como um todo, com todos os seus aspectos, desafiando os estereótipos que tentam reforçar sobre a África ao redor do mundo.

Agradeço a Hamilton Borges, fundador da Rede de Articulação da Juventude de Cajazeiras (REAJA) que, mesmo sem me conhecer e sem hesitar, enviou da Bahia a principal fonte bibliográfica desta monografia: o livro *Lumumba: A África Será Livre*. A Manoel, do antigo Bar da Fossa (in memoriam), que infelizmente partiu para outro plano dias antes de ver este trabalho concluído.

Por último, mas não menos importante, dedico este trabalho ao homem negro africano, líder inspirador e ex-primeiro-ministro do Congo pós-independência, Patrice Lumumba (in memoriam).

*Se você não cuidar, os jornais farão você
odiar as pessoas que estão sendo oprimidas, e
amar as pessoas que estão oprimindo.*

Malcolm X

RESUMO

Este trabalho analisa as representações construídas pelo jornal *Diário de Pernambuco* sobre o processo de independência do Congo Belga, especialmente enfocando a atuação política do líder nacionalista Patrice Lumumba entre 1960 e 1969. A partir de uma perspectiva crítica sobre o papel da imprensa como construtora de narrativas, pretende-se demonstrar como a orientação conservadora desse periódico influenciou a cobertura dada aos eventos relacionados à descolonização africana. Para tanto, são examinadas algumas cartas e discursos de Lumumba como fontes primárias essenciais para compreender as contradições entre o discurso do líder congolês e as representações produzidas pelo jornal pernambucano. Fundamentam esta análise teórico-metodológica as contribuições de Frantz Fanon e Amílcar Cabral sobre descolonização, Jean-Paul Sartre e sobre imperialismo e neocolonialismo, e Stuart Hall e sobre mídia, ideologia e representação. organizar a tradução para o inglês

Palavras-chave: Patrice Lumumba; Congo Belga; África; Independência africana; Diário de Pernambuco.

ABSTRACT

This study analyzes the representations constructed by the newspaper *Diário de Pernambuco* regarding the independence process of the Belgian Congo, with a special focus on the political actions of nationalist leader Patrice Lumumba between 1960 and 1969. From a critical perspective on the role of the press as a constructor of narratives, this work aims to demonstrate how the conservative orientation of this periodical influenced its coverage of events related to African decolonization. To achieve this, some of Lumumba's letters and speeches are examined as essential primary sources for understanding the contradictions between the Congolese leader's discourse and the representations produced by the *Pernambuco* newspaper. This theoretical and methodological analysis is grounded in the contributions of Frantz Fanon and Amílcar Cabral on decolonization, Jean-Paul Sartre on imperialism and neocolonialism, and Stuart Hall on media, ideology, and representation.

Keywords: Patrice Lumumba; Belgian Congo; African Independence; *Diário de Pernambuco*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crianças com as mãos mutiladas como forma de castigo no Congo.	17
Figura 2 - Imagem do Primeiro Ministro do Congo Patrice Lumumba	24
Figura 3 - Página 2 do Diário de Pernambuco de 04/06/ 1960	35
Figura 4 - página do diário de Pernambuco de 16/03/1961	36
Figura 5 - Página do diário de Pernambuco de 23 de julho de 1960	37
Figura 6 - página 2 do Diário de Pernambuco terça-feira 28 de junho de 1960	38
Figura 7 - Página 2 do Diário de Pernambuco sexta-feira 06/01/1961	41
Figura 8 - Página do diário de Pernambuco sexta-feira 06/01/1961	42
Figura 9 - Página do Diário de Pernambuco sexta-feira 17/01/1961	44
Figura 10 - Página do Diário de Pernambuco sexta-feira 21/01/1962	45
Figura 11 - Página do Diário de Pernambuco domingo 04/08/1963	46
Figura 12 - Página do Diário de Pernambuco quarta-feira 20/06/1960	49
Figura 13 - Página do Diário de Pernambuco sexta-feira 13/07/1961	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - Da herança colonial de Leopoldo II à ascensão política de Patrice Lumumba(1908-1959)	15
1.1 – Da denúncia dos crimes coloniais à independencia do Congo: o contexto pré Lumumba	18
1.2 – O Congo e o contexto das independencias africanas	21
CAPÍTULO 2 - A Repercussão de Patrice Lumumba no Diário de Pernambuco	30
2.1- Anticomunismo e a imprensa no Brasil nos anos 1960	31
2.2 – Atuação política do Diário de Pernambuco nos anos 1960	32
2.3 – A cobertura de Lumumba e a luta por independência africana na imprensa pernambucana	35
CAPÍTULO 3 - Estereótipos e a Desumanização da África no Diário de Pernambuco	47
3.1 – A representação da selvageria	48
3.2 – Um olhar sobre as representações	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
ANEXOS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

Entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960, as lutas por independência na África tomaram destaque global, tornando-se objeto de intensa cobertura pela imprensa internacional. O Congo Belga emergiu como um dos casos mais emblemáticos desse processo de descolonização africana, sobretudo devido à atuação política e ao impacto internacional do líder nacionalista Patrice Lumumba, que se tornou rapidamente uma figura central no imaginário das lutas anticoloniais do continente.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as abordagens midiáticas sobre Patrice Lumumba e o processo de independência congolesa, com especial ênfase nas narrativas construídas pelo jornal *Diário de Pernambuco* (DP), tradicional periódico brasileiro, entre 1960 e 1969. A partir do estudo de algumas das matérias publicadas pelo DP nesse período, e tendo como fontes primárias fundamentais as cartas e discursos de Lumumba reunidos no livro *A África será livre* (2018), publicado pela Editora Reaja,(Quilombo X Ação Cultural Comunitária) Reaja ou será Morto/a sob organização de Hamilton Borges Walê e Andreia Beatriz Santos. O livro raro é uma compilação essencial que reúne textos, discursos e correspondências escritas pelo próprio Patrice Lumumba, oferecendo um vislumbre direto de seu pensamento político, suas aspirações por uma África independente e unida, e sua visão sobre o neocolonialismo. Essa obra permitiu que confrontássemos a narrativa construída pelo *Diário de Pernambuco* com as próprias palavras de Lumumba, revelando as possíveis distorções, silenciamentos ou ênfases dadas pelo jornal em sua cobertura. Nesta monografia, buscou-se compreender como o jornal pernambucano, em um contexto marcado pela Guerra Fria, construiu a imagem de Lumumba pela sua luta pela libertação nacional congolesa e sobre o continente africano de modo geral.

A trajetória política e o pensamento ideológico de Patrice Émery Lumumba (1925-1961) são fundamentais para compreender a dinâmica das lutas anticoloniais no contexto das independências africanas. Proveniente de uma família modesta, Lumumba iniciou sua atuação pública como funcionário dos correios, envolvendo-se desde cedo com sindicatos e associações de trabalhadores, o que contribuiu decisivamente para seu desenvolvimento como intelectual autodidata e crítico ao colonialismo belga (Silva 2022). Em 1958, Lumumba fundou o Movimento Nacional Congolês (MNC), o primeiro partido político verdadeiramente nacionalista do Congo, estruturado em torno de ideais anti-imperialistas e baseado no conceito do "neutralismo positivo", ou seja, uma posição independente em relação

às grandes potências no contexto da Guerra Fria (Gerard e Kuklick 2017). Desde o início, o líder congolês defendia uma unidade nacional acima das divisões étnicas e regionais promovidas pelo colonialismo europeu, buscando consolidar um Estado independente, centralizado e laico (Rosa 2018).

Ideologicamente, Lumumba alinhava-se ao nacionalismo africano e ao humanismo igualitário. Em seus discursos, enfatizava constantemente a necessidade de libertação do continente africano, denunciando a opressão colonial e reivindicando dignidade e autonomia para os povos africanos (Lumumba 2018). Sua posição ficou ainda mais clara em seu histórico discurso durante a cerimônia de independência do Congo, em 30 de junho de 1960, quando, em tom incisivo, denunciou os abusos da colonização belga e afirmou que a independência conquistada não era uma dádiva, mas resultado direto das lutas populares congolesas (Martins 2014). Este pronunciamento provocou grande desconforto nas elites belgas e ocidentais; por exemplo, a revista norte-americana Time rotulou seu discurso como um "ataque venenoso ao Ocidente", contribuindo para a estigmatização internacional de Lumumba (Gerard e Kuklick 2017). Entretanto, mesmo enfrentando isolamento diplomático, Lumumba continuou a defender com firmeza, em cartas e manifestos, a emancipação total do Congo, o fim da dominação estrangeira e a justiça social (Martins 2014; Silva 2022).

Para além das fronteiras do Congo, Patrice Lumumba inseriu-se ativamente no movimento pan-africanista, conectando sua luta anticolonial ao contexto continental mais amplo. Em dezembro de 1958, durante a Conferência dos Povos Africanos em Acra, Gana, organizada pelo líder ganês Kwame Nkrumah, Lumumba defendeu energicamente a unidade dos povos africanos contra a exploração colonial (Silva 2022). Ali estabeleceu vínculos com importantes líderes do pan-africanismo, como Nkrumah (Gana), Sékou Touré (Guiné), Julius Nyerere (Tanganica) e Tom Mboya (Quênia), destacando a necessidade de solidariedade continental para enfrentar novas formas de dominação econômica e política após as independências (Monari 2024). Sua atuação como pan-africanista refletia uma visão estratégica de uma África unida e independente, tornando-se referência fundamental para movimentos nacionalistas em todo o continente (Monari 2024).

O impacto de sua morte, ocorrida em 17 de janeiro de 1961, transcendeu os limites nacionais e consolidou-o como mártir da causa anticolonial global (Young 2012). Seu assassinato, resultado de uma conspiração entre forças belgas e ocidentais, provocou instabilidade profunda no Congo, levando a guerras civis, intervenções estrangeiras e décadas de ditadura sob o regime de Mobutu Sese Seko (Kalb 1982; Gerard e Kuklick 2017). Por outro lado, Lumumba rapidamente se tornou símbolo internacional de resistência contra o

colonialismo e o imperialismo, reverenciado em diversas partes do mundo, especialmente em países socialistas e não-alinhados, que o homenagearam após sua morte. Seu legado permanece vivo até hoje, influenciando fortemente os debates sobre neocolonialismo e autodeterminação dos povos africanos (De Witte 2001; Silva 2022).

Essa trajetória, no entanto, esteve sujeita a intensas disputas narrativas, refletidas claramente na cobertura midiática internacional sobre Lumumba. Enquanto veículos da imprensa ocidental – particularmente belga, francesa e norte-americana – retrataram-no negativamente, associando-o ao caos político e ao comunismo (Gerard e Kuklick 2017), setores alternativos, especialmente ligados a movimentos de libertação e direitos civis, o exaltaram como herói e mártir (Martins 2014). No Brasil, essa polarização também se refletiu, com jornais como o *Diário de Pernambuco* adotando uma perspectiva crítica alinhada aos interesses ocidentais, enquanto veículos progressistas denunciavam seu assassinato como um crime colonial patrocinado por potências imperialistas (Martins 2014).

Por fim, o destino político de Patrice Lumumba foi inseparável das dinâmicas da Guerra Fria, período em que EUA, União Soviética e Bélgica exerceram papéis cruciais na crise congolesa. Para Washington, Lumumba representava um perigo iminente de alinhamento com a União Soviética, o que justificou esforços diretos da CIA para derrubá-lo (Kalb 1982). Em contrapartida, Moscou, embora não tivesse vínculos ideológicos estreitos com o líder congolês, assumiu sua defesa no cenário internacional, tornando-o um símbolo da luta anti-imperialista (Kalb 1982). A Bélgica, por sua vez, conspirou abertamente para desestabilizar seu governo, chegando a participar diretamente dos eventos que levaram à sua captura e execução (De Witte 2001). Esse complexo cenário geopolítico contribuiu decisivamente para moldar os destinos do Congo pós-independência e revelou claramente como a Guerra Fria influenciou profundamente o processo de descolonização africana (Young 2012).

O trabalho está estruturado em três capítulos principais. O primeiro capítulo aborda o contexto histórico amplo que antecede a independência do Congo, apresentando desde a administração violenta e brutal do território por Leopoldo II, rei da Bélgica, até o período de domínio colonial belga posterior, destacando as continuidades e mudanças na exploração colonial e na violência racial e econômica. Além disso, são discutidos os principais eventos da década de 1950, marcados pela emergência de movimentos nacionalistas congolese e pelas disputas internas e internacionais que influenciaram decisivamente o caminho para a independência formal do país em 1960.

O segundo capítulo dedica-se especificamente à análise das repercussões midiáticas internacionais da atuação política de Patrice Lumumba. A princípio, será abordado como a imprensa internacional e o próprio jornal pernambucano retrataram Lumumba inserindo-o na dicotomia da guerra fria, destacando suas estratégias discursivas e ideológicas. Em seguida, teremos um terceiro capítulo onde enfocamos, especificamente, na análise da cobertura jornalística realizada pelo *Diário de Pernambuco*, investigando representações de África de modo geral a partir da luta de Lumumba pela libertação do Congo, buscando evidenciar que essas representações não foram um fenômeno isolado do país ou da figura de Lumumba em si. Pelo contrário, elas são parte de um padrão mais amplo na forma como a África tem sido frequentemente representada na mídia, especialmente no contexto da Guerra Fria.

Delimitação Teórica

Para fundamentar essa análise, recorrem-se a importantes referências teóricas do campo dos estudos sobre África Contemporânea e sobre as teorias de mídia e representação. Entre os principais autores utilizados destacam-se Frantz Fanon fundamental para compreender as dinâmicas anticoloniais e Stuart Hall, que fornece subsídios teórico-metodológicos importantes para analisar criticamente o papel da mídia na construção de ideologias e narrativas políticas.

Metodologicamente, o trabalho recorre a investigação de alguns documentos, com destaque especial a algumas cartas e discursos originais de Lumumba enquanto fontes primárias e às matérias jornalísticas do *Diário de Pernambuco* no recorte temporal de 1960-1969. Essa abordagem possibilitará compreender como o jornal construiu uma imagem específica sobre Lumumba e as narrativas do continente africano, marcada por interesses políticos e ideológicos da Guerra Fria.

Por fim, as considerações finais da monografia irão refletir sobre as contribuições deste estudo para o campo da história contemporânea da África e da história das independências africanas, destacando a importância da imprensa como construtora de narrativas históricas e as lacunas ainda existentes, visto que este tema está em consonância com as demandas da obrigatoriedade da lei 10.639 sugerindo possíveis caminhos futuros para aprofundamento da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - Da herança colonial de Leopoldo II à ascensão política de Patrice Lumumba

Antes de analisar a luta anticolonial protagonizada pelo líder nacionalista Patrice Lumumba e as percepções produzidas sobre ele no jornal *Diário de Pernambuco*, é essencial apresentar o contexto histórico no qual o Congo se encontrava antes da ascensão desta figura política. Para tanto, é necessário resgatarmos o período colonial marcado pelo governo brutal e violento de Leopoldo II da Bélgica (1865-1909), frequentemente descrito como um dos regimes coloniais mais crueis da história.

O colonialismo europeu, marcado pelo genocídio, exploração econômica extrema, opressão política e racismo institucionalizado, deixou cicatrizes profundas no continente africano. Embora atrocidades cometidas por regimes europeus como o nazismo sejam amplamente conhecidas, as consequências do colonialismo na África permanecem frequentemente negligenciadas pela memória histórica global. Revisitar criticamente esses processos históricos significa também contribuir para a formação de uma memória coletiva comprometida com o reconhecimento dessas violências, sendo este um compromisso necessário com a verdade histórica.

Neste contexto, é imprescindível mencionar a maneira como Leopoldo II apropriou-se do Congo, transformando-o em propriedade pessoal. Para compreender melhor essa dinâmica, foram consultadas obras fundamentais, como *O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África* (HOCHSCHILD, 1999),¹ *A África Será Livre* (LUMUMBA, 2018)² e o artigo de Felipe Honorato (2019),³ intitulado *Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congolesa: uma análise a partir do jornal Le Soir*.

Uma peça-chave para compreender a consolidação do poder de Leopoldo sobre o Congo é sua aliança estratégica com o explorador Henry Morton Stanley. Segundo Hochschild (1999, p. 80), Stanley teve papel decisivo na expansão do controle belga sobre as terras africanas, especialmente por meio de tratados fraudulentos assinados com chefes tribais

¹ HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: Uma História de Cobiça, Terror e Heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

² LUMUMBA, Patrice. **A África será livre**. Brasília: Reaja, 2018

³ HONORATO, Felipe Antonio. **Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congolesa: uma análise a partir do jornal Le Soir**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

locais. Em uma carta de Leopoldo para Stanley, fica clara a estratégia imperialista e a ambição colonialista do monarca belga:

Aproveito as vantagens de uma oportunidade segura para lhe enviar umas poucas linhas em meu péssimo inglês [...]. É indispensável que o senhor adquira [...] o máximo de terras que puder obter e que coloque sucessivamente sob [...] suserania [...] todos os chefes tribais, da embocadura do Congo até as Stanley Falls. [...] Se o senhor me disser que irá executar essas instruções sem demora, eu lhe enviarei mais gente e mais material. Talvez cule chineses. (HOCHSCHILD, 1999, p. 80).

A estratégia imperialista de Leopoldo não se resumia apenas ao controle político e territorial, mas envolvia também a dominação econômica irrestrita. Apesar do discurso oficial que prometia livre comércio, na prática, Leopoldo buscava monopolizar o comércio de marfim e borracha, utilizando métodos extremamente violentos contra os congoleses, como punições físicas e mutilações frequentes para forçar a produção (HOCHSCHILD, 1999, p. 81).

A Conferência de Berlim (1884-1885) legitimou formalmente a posse do Congo por Leopoldo II, que, por meio de manobras diplomáticas, obteve o reconhecimento internacional do território como sua propriedade privada (HONORATO, 2018). No entanto, apesar da riqueza extraída do Congo, havia uma infraestrutura deficiente, especialmente no transporte ferroviário, gerando prejuízos econômicos à Bélgica (MARTINS, 2018, p. 26).

Outra estrutura criada pelos belgas para garantir sua dominação foi a Force Publique, tropa paramilitar que impunha medo e violência contra a população local para assegurar a exploração econômica dos recursos naturais (HONORATO, 2019, p. 78). Essa violência institucionalizada foi a base de sustentação do regime de Leopoldo, resultando na morte de cerca de dez milhões de congoleses durante seu governo (LUMUMBA, 2018).

Conforme destaca Rodney (1975),⁴ Apesar do discurso europeu de abertura econômica e livre concorrência, Leopoldo impôs um regime comercial fechado e monopolista, entrando em conflito até mesmo com outras potências capitalistas, que passaram gradativamente a isolá-lo. Internamente, o regime enfrentou múltiplas resistências locais que se intensificaram pela残酷za das práticas coloniais, como a mutilação das mãos de trabalhadores que não cumpriam as cotas de produção estabelecidas pelos belgas (LUMUMBA, 2018, p. 15).

Foi por meio de relatórios internacionais e campanhas midiáticas que os crimes de Leopoldo foram gradativamente revelados ao mundo.⁵ Entre esses documentos destacam-se o

⁴RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Lisboa: Seara Nova, 1975.

⁵ Para mais detalhes sobre esse assunto, pode ser analisado o documentário King Leopold's Ghost: A history of Greed, Terror And Heroism in Colonial Africa [documentário] 2006 que aborda o tema de forma visual e detalhada.

famoso relatório do cônsul britânico Roger Casement (1904), bem como fotografias impactantes feitas por missionários, como Alice Harris, divulgadas amplamente pela revista Congo Balolo Mission em 1902, tornando impossível ao rei ocultar suas atrocidades (HOCHSCHILD, 1999, p. 286).

FIGURA 1 - Crianças com as mãos mutiladas como forma de castigo no Congo.



Fonte: OLIVEIRA, Antonio José Alves. (Org.). “A ÚNICA TESTEMUNHA QUE NÃO PUDE CORROMPER”: FOTOGRAFIAS E DISPUTAS PELA VERDADE NO ESTADO LIVRE DO CONGO (1885 – 1908): UFSC 2016. EXPEDIÇÕES Teoria da História & Historiografia

Por outro lado, Leopoldo II empreendeu uma forte contra ofensiva midiática, financiando jornais europeus e estadunidenses para deslegitimar as denúncias contra seu regime, além de promover campanhas de difamação contra seus críticos (PECK, 2000, p.286). Esse jogo retórico envolvia manipulações políticas e a disseminação de narrativas falsas para proteger seus interesses econômicos na região congolesa.

A exposição internacional desses crimes levou finalmente à transferência do território para o Estado belga em 1908, sob pressão diplomática, especialmente britânica e americana. Contudo, a passagem da administração privada para o controle estatal belga não modificou substancialmente as condições sociais e políticas no Congo, que seguiu dominado pela exploração econômica e racismo estrutural, agora sob um regime formalmente colonial (MARTINS, 2011, p. 21).

Este contexto histórico, marcado pela violência extrema e exploração colonial belga, constitui o pano de fundo essencial para a compreensão da emergência da figura de Patrice

Lumumba como principal líder do movimento de libertação congolês, assunto que será abordado com maior profundidade nas seções seguintes deste capítulo.

1.1 - Da denúncia dos crimes coloniais à independência do Congo: o contexto pré-Lumumba (1908-1959)

O regime de Leopoldo II da Bélgica chegou ao fim em 15 de novembro de 1908, após intensa pressão diplomática internacional, especialmente de ingleses e americanos, que haviam tornado públicas as atrocidades cometidas no território através do relatório do cônsul Roger Casement (MARTINS, 2011, p. 21). Apesar de ter perdido o controle direto, Leopoldo ainda obteve vantagens financeiras expressivas, recebendo uma indenização milionária do governo belga.

Contudo, a transferência formal do Congo para o domínio do Estado belga não significou o fim das práticas coloniais de opressão, violência e exploração. Pelo contrário, o domínio belga se estruturou em um modelo administrativo tripartite, formado pelo Estado belga, pela iniciativa privada e pela Igreja Católica. Conforme aponta Lumumba (2018, p. 17).

Ainda segundo Rechetniak, Anokhine e Humberto (1990), o cenário do Congo às vésperas da independência era marcado por extrema pobreza, com o país ainda bastante fragilizado, carecendo de infraestrutura básica. Esse contraste se torna evidente quando por exemplo comparamos as condições do Congo com a de seu país colonizador, a Bélgica, que possuía um nível de desenvolvimento muito superior:

Mas aqueles que beneficiaram enquanto mandaram no Congo, gostavam sempre de falar do “bem estar” deste país e mostravam os grandes números das receitas das firmas, esquecendo o trabalho semi-escravo dos congoleses. Se repararmos melhor nesses números manipulados habilmente pelos defensores do colonialismo belga no Congo, e analisarmos o nível de vida na Bélgica e no Congo constata-se que a Bélgica, com 9 milhões de habitantes, em 1959 possuía um rendimento nacional igual a 400840 milhões de francos. O Congo, com 14 milhões de habitantes, possuía um rendimento nacional de 48050 milhões de francos. Na Bélgica, existia um médico por cada 800 habitantes e no Congo um médico para 21000 pessoas. A mortalidade na Bélgica em 1957 era de 1,19% da população total, enquanto entre a pouca congolesa autóctone que beneficiava de assistência médica era de 17, 79%. (RECHETINIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p. 15-16).

A nova administração colonial adotou uma postura marcadamente paternalista, mantendo os congoleses afastados do poder real de decisão política, criando estruturas institucionais racistas que, sob o pretexto de promoverem uma suposta missão civilizatória,

perpetuavam o domínio colonial e a segregação racial no acesso aos cargos públicos. No setor educacional, quase todas as escolas primárias eram controladas pela igreja católica que agia de forma a consolidar a ordem colonial, associando-se ao poder colonial e utilizando-se de suas missões religiosas como ferramentas de controle social. (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990).

Ainda nessa perspectiva, “O Vaticano prosseguia um duplo objectivo. Em primeiro lugar, procurava atrair a juventude para suas redes, convertê-la a religião cristã, submetê-la à sua influência” (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990, p.16). Vale ressaltar que a igreja não mantinha apenas a função de converter a população, e administrar as escolas, a própria imprensa também era comandada totalmente por ela como evidenciado nesse texto:

O Vaticano tinha ao seu serviço toda a imprensa e a rádio por ele controlada e subsidiada. Na posse da igreja estava a maioria das tipografias, indústrias do papel. Eram despendidas grandes somas com a propaganda religiosa. Não é por acaso que na África dizem agora: “Quando chegaram os brancos, eles tinham a bíblia e nós a terra, hoje são eles que têm a terra e nós a bíblia.”(RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.16).

Dois meses antes da independência, as denúncias de maus-tratos já eram frequentes, refletindo as condições opressivas e desumanas impostas pelos colonizadores como vemos nesse trecho de um representante do Partido Popular do Congo, na Conferência de Imprensa em Bruxelas:

A maioria da população urbana e rural do Congo recebe uma miséria de ordenado pelo seu trabalho, vive em condições horrorosas, passa fome e não tem possibilidade de meter os filhos na escola. Está praticamente privada de assistência médica. Um grande número de famílias sofre com o desemprego que as condena a uma vida miserável.(RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.16).

De fato, a mudança administrativa, portanto, foi mais jurídica do que real. De acordo com Honorato (2011 apud KANT, 2011), o grau de continuidade na exploração era evidente, especialmente com a manutenção de organizações coloniais poderosas como a Compagnie du Katanga e o Comité Spécial du Katanga, que tiveram papel determinante até mesmo após a independência congolense em 1960, dificultando a efetiva emancipação econômica do país.

É interessante observar que, apesar de todo o caos e das revoltas no Congo, a Bélgica não acreditava na possibilidade de independência do país, mesmo nesse contexto turbulento, como ficou evidente em um estudo de um acadêmico belga, que afirmava que, apenas em um prazo de 30 anos, seria possível ao Congo se libertar das amarras da colonização (MARTINS, 2011, p. 30). Consequentemente, ainda profundamente envolvida no controle da colônia, a

Bélgica não reconhecia a urgência do processo de emancipação e continuava a sustentar a ideia de que a independência era um objetivo distante.

A mudança administrativa, portanto, foi mais jurídica do que real. De acordo com Honorato (2011 apud KANT, 2011), o grau de continuidade na exploração era evidente, especialmente com a manutenção de organizações coloniais poderosas como a Compagnie du Katanga e o Comité Spécial du Katanga, que tiveram papel determinante até mesmo após a independência em 1960, dificultando a efetiva emancipação econômica do país.

Diante desse cenário caótico em que o Congo se encontrava, a Bélgica, movida por sua ganância, tentou disfarçar seu verdadeiro interesse ao simular uma possível preocupação com o futuro do Congo, fingindo apoiar a independência (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990, p. 18) Entretanto, a realidade estava longe dessa narrativa, tendo em vista que o seu real interesse era uma desestabilização econômica no país:

Afirmando hipocritamente desejar estabelecer relações amistosas com o povo congolês e prestar toda a ajuda, eles efectuavam uma política de sabotagem econômica, esforçavam-se por provocar o descalabro a fome e o desemprego. (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.18).

Contudo, fica evidente o quanto danosa foi a ação belga momentos antes da independência do Congo, a ponto de deixar o país em crise financeira e alta inflação, prejudicando ainda mais o processo de construção de uma nação que estava prestes a se tornar independente: “De facto, em breve conseguiram a crise económica e financeira do Congo, expresso nos défices do orçamento e da balança comercial, na fuga catastrófica de capitais do país, na desvalorização do franco congolês e no agravamento da inflação” (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.18)

Ainda nesse momento crítico, como se não bastasse a instabilidade política e social que precedia a independência do Congo, a Bélgica, em um ato de exploração e desrespeito flagrante à soberania do país, conseguiu roubar uma parte significativa de suas riquezas:

Nos finais de 1958, as reservas de ouro e divisas no Banco Central do Congo Belga e Ruanda-Urundi estimavam-se em mais de nove milhões de francos, mas em março de 1960 tinham baixado para 2,5 mil milhões. Segundo informações da Imprensa, os belgas conseguiram levar consigo grande parte das reservas de ouro do Congo que somavam umas 15 toneladas. (RECHETNIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.18).

A mudança administrativa no Congo, portanto, foi mais jurídica do que real. De acordo com Honorato (2011 apud KANT, 2011), o grau de continuidade na exploração era evidente, especialmente com a manutenção de organizações coloniais poderosas como a Compagnie du

Katanga e o Comité Spécial du Katanga, que tiveram papel determinante até mesmo após a independência congolesa em 1960, dificultando a efetiva emancipação econômica do país.

Com a independência proclamada em junho de 1960, o Congo se viu preso a uma rede de interesses econômicos estrangeiros como citado anteriormente, que contribuíram diretamente para os conflitos internos, especialmente na rica província de Katanga, cuja separação unilateral foi liderada por Moïse Tshombé,⁶ a quem o primeiro ministro Patrice Lumumba considerava uma marionete dos colonialistas:

Não existe nenhum problema aparte, específico em Katanga. Nem nunca existiu. O nó do problema é que os imperialistas querem apoderar-se das riquezas do nosso país e continuar explorando nosso povo. Os imperialistas tinham e têm, todavia agentes em países coloniais. Tshombe é um agente dos imperialistas belgas. As palavras que diz ou escreve, não são suas, mas dos colonialistas belgas que as põe na sua boca. É sabido que Tshombe, ex homem de negócios alinhou sua sorte às das companhias coloniais estabelecidas no Congo. (LUMUMBA, 2018, p. 81).

Não bastasse os conflitos na região de Katanga sob a liderança do desleal Moïse Tshombe, as tropas belgas que permaneciam no país, mesmo após a independência de 1960 e o pedido de sua retirada, desrespeitaram as exigências do governo de Lumumba e em vez disso, instalaram-se em Katanga, intensificando as revoltas e exacerbando a tensão no país (LUMUMBA, 2018, p. 84). o primeiro ministro por sua vez, tentou solicitar ajuda a diversas entidades políticas para controlar a situação como vemos no trecho dessa carta escrita pelo ministro no ano de 1960, dirigida ao presidente do Conselho de Segurança:

Quero lhe chamar especialmente atenção quanto ao fato de que nenhum contingente de tropas das Nações Unidas chegou, até agora, a Katanga, porque o governo belga se opõe a isto unicamente a fim de estabelecer o movimento de secessão instigado na província utilizando Tshombe como mote, em contravenção às resoluções pertinentes adotadas pelo Conselho de Segurança. Não existe agora justificativa alguma para a presença das forças militares belgas Congo. (LUMUMBA, 2018, p.85)

A partir da análise desse trecho da carta, fica evidente que o primeiro-ministro Patrice Lumumba se encontrava isolado, sem apoio, até mesmo da própria ONU. Sua luta pela soberania do Congo e pela retirada das tropas belgas, que continuavam a interferir diretamente nos assuntos internos do país, parecia ser ignorada ou desconsiderada pelas potências internacionais. A falta de respaldo da Organização das Nações Unidas, que deveria ser um agente de mediação e proteção das nações recém-independentes, agravou ainda mais a

⁶ Moïse Tshombe (1931-1969) foi um político e líder congolês, conhecido principalmente por seu papel durante a crise de secessão de Katanga na República do Congo (atual República Democrática do Congo) nos anos 1960. Em 1960, ele proclamou a independência da província de Katanga com o apoio de interesses ocidentais, especialmente da Bélgica e empresas multinacionais de mineração. **TSHOMBE, Moïse.** Moïse Tshombe. *Wikipédia: a encyclopédia libre*, 16 mar. 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A9se_Tshombe Acesso em: 16 mar. 2025.

situação de Lumumba, e consequentemente do Congo “É indubitável que o governo belga bombardeia o cumprimento das decisões das Nações Unidas” Lumumba (2018, p.85).

1.2 - O Congo e o contexto das independências africanas

A década de 1960 representou um marco histórico crucial para o continente africano, período em que diversos países africanos conquistaram sua independência política. Este fenômeno foi resultado de múltiplas dinâmicas: impactos da Segunda Guerra Mundial, fortalecimento dos movimentos anticoloniais e transformação da ordem econômica e política internacional (HOBSBAWM, 1995).

No caso específico do Congo, o processo de independência iniciou-se no final da década anterior, marcado por uma intensa agitação social e política. Em 1959, um episódio especialmente significativo ocorreu em Léopoldville, quando a repressão violenta das forças coloniais resultou na morte de 59 congoleses, aprofundando as tensões internas e impulsionando o surgimento de partidos políticos nacionalistas (MARTINS, 2014, p. 29).

Entre esses partidos, destacou-se o Movimento Nacional Congolês (MNC), liderado por Patrice Lumumba, figura que rapidamente se tornou a principal liderança do processo de independência, especialmente após sua destacada participação na Conferência Pan-Africana de Acra, em 1958 (MOORE, 2010). A atuação política de Lumumba, marcada por um discurso nacionalista e anticolonial radical, preocupava as autoridades belgas, principalmente em função do seu alinhamento ideológico percebido como próximo ao comunismo soviético, algo que não era efetivamente comprovado, mas alimentava os temores ocidentais durante a Guerra Fria (KENT, 2011 apud HONORATO, 2019).

É nesse contexto de tensões crescentes e movimentos de libertação que Lumumba emergiu como líder central. A situação social congolesa era delicada: segundo Rosa (2021, p. 72), havia forte preocupação colonial com a crescente insatisfação dos jovens congoleses educados, chamados évolue,⁷ cuja atuação desafiava diretamente o racismo institucional belga. Esses jovens demandavam direitos básicos que eram negados sistematicamente à população negra, o que ameaçava diretamente o controle colonial e a manutenção das estruturas racistas.

⁷ Évolué (francês: [evɔlɥe], "evoluído" ou "desenvolvido") é um termo em francês usado durante a era colonial para se referir aos africanos ou asiáticos que haviam "evoluído", tornando-se europeizados, por meio da educação ou da assimilação e aceitação de valores e padrões europeus de comportamento. É mais comumente usado para se referir a indivíduos dos impérios coloniais belga e francês. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89volu%C3%A9>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Lumumba, nascido em 2 de julho de 1925 na então colônia belga, conseguiu estudar apenas até o nível primário devido às restrições impostas pela administração colonial, que limitava fortemente o acesso dos congoleses à educação superior, mas que ainda assim, apesar dos entraves, conseguiu tornar-se um líder político profundamente conectado às massas congolesas. Segundo relato contemporâneo: “Ele falava com grande força de convicção. Nas suas palavras sentia-se a profunda dor pelo seu povo, e a compreensão das aspirações e necessidades dele. O 'Nosso Patrice' — assim começaram em breve a chamá-lo no seio do povo.” (HONORATO, 2019, p. 78).

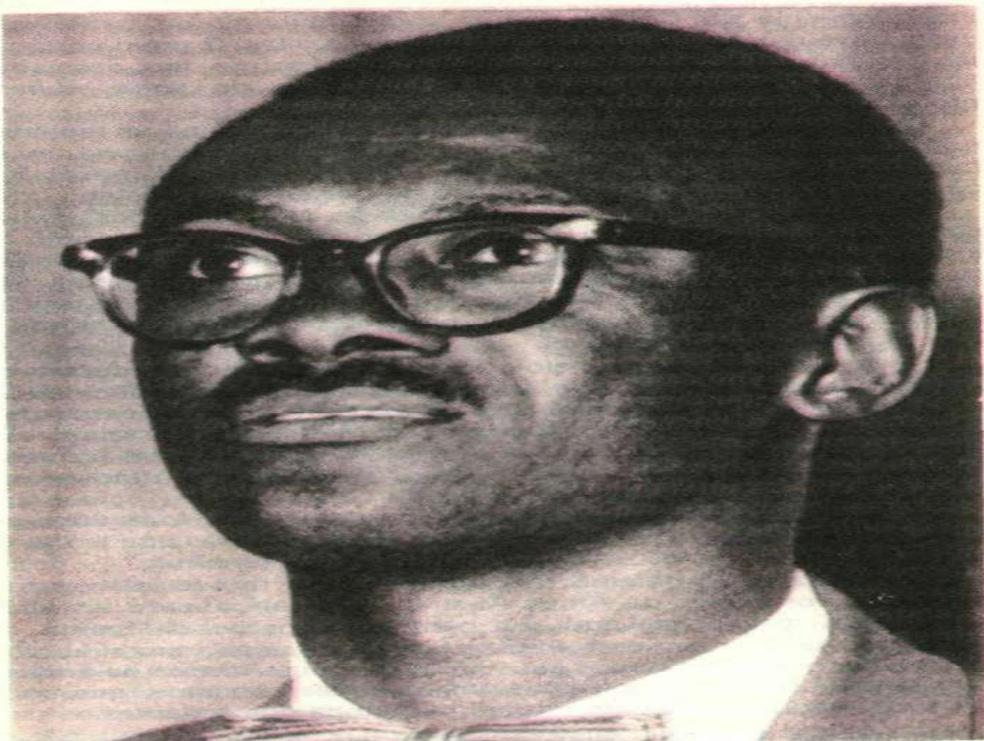
Lumumba estabeleceu uma relação de proximidade e confiança com a população por meio de seus escritos e discursos que denunciavam as injustiças coloniais. Em uma de suas poesias, é possível perceber seu profundo vínculo emocional e político com o povo congolês: “Queridos compatriotas: unamo-nos todos se é que queremos libertar o nosso país; unamo-nos se queremos fazer do Congo uma grande nação”. Viva o Movimento Nacional Congolês! Viva o Congo independente (LUMUMBA, 2018, p. 32).

Por outro lado, outras lideranças políticas locais como Joseph Kasavubu, líder da Aliança dos Bakongos (ABAKO),⁸ tinham posições moderadas e mais conciliatórias com os belgas, o que tornava o cenário político congolês fragmentado e instável às vésperas da independência (RECHETNIAK; ANOKHINE, 1990).

FIGURA 2- Imagem do Primeiro Ministro do Congo Patrice Lumumba

abertamente o discurso colonial do rei da Bélgica, apontando para os abusos, exploração e violência sistemática sofrida pelos congoleses sob domínio belga, reforçando sua imagem

⁸ A ABAKO (em francês, Association des Bakongo) foi uma organização política fundada em 1950 na Bélgica, composta principalmente por membros da etnia Bakongo, uma das maiores etnias do Congo. DO NASCIMENTO, Evelyn Rosa. "O manifesto da ABAKO e o movimento de independência no Congo (RDC), 1956-1960."



Patrice Lumumba foi um dos primeiros notáveis democratas nacionalistas africanos. A sua mundividência não estava livre de um certo eclectismo e influência pequeno-burguesa, reflectia uma certa actuação própria de socialistas-utopistas, ideólogos da sociedade africana pré-burguesa. Todavia, deve-se reconhecer que ele foi um revolucionário honesto e coerente, um democrata e um anti-racista. Lutou contra o neocolonialismo.

Fonte: RECHETNIAK, Nikolai; ANOKHINE, Vladimir; GONÇALVES, Humberto. Patrice Lumumba: patriota, lutador, humanista. Brasília: Edições da Agência de Imprensa Nôvosti, 1990.

Contudo, logo após a independência formal em 1960, Lumumba enfrentou forte oposição externa e interna, destacando-se especialmente a ação separatista de Moïse Tshombé, apoiado diretamente pelos belgas interessados nas riquezas minerais de Katanga. A separação da região aprofundou os conflitos internos, acelerando a instabilidade política que culminaria na deposição e assassinato de Lumumba em janeiro de 1961 (HONORATO, 2019, p. 78).

A região de Katanga, situada no sul do Congo, foi um território central na intensificação das tensões sociais e políticas que precederam a independência do país, especialmente ao longo da década de 1950. Rica em recursos minerais estratégicos como o cobre e o urânio, Katanga representava para os colonizadores belgas um espaço de grande

valor econômico, o que alimentava ambições imperialistas e separatistas em relação àquela área específica (ROSA, 2018, p. 76).

Além das tensões econômicas motivadas pela cobiça sobre as riquezas minerais, Katanga também enfrentava disputas internas entre diversos grupos étnicos, que viam na independência uma oportunidade para obter autonomia local em relação ao novo Estado nacional congolês. Esse cenário gerou ainda maior fragmentação e complexidade no processo de descolonização (ROSA, 2018, p. 78).

Dentro desse contexto conturbado emergiu a figura de Moïse Tshombé, líder do partido CONAKAT (Confederação das Associações Tribais do Katanga), que adotou uma postura claramente separatista. Tshombé não apenas defendia a autonomia regional, mas estabeleceu uma aliança estratégica com os interesses coloniais belgas e estrangeiros, especialmente com a empresa mineradora Union Minière, que financiava e apoiava suas ações políticas. Seu separatismo atrasou e fragilizou a unificação nacional do Congo, representando, assim, um sério obstáculo à independência efetiva (HONORATO, 2019, p. 78).

Conforme argumentam Rechetniak, Anokhine e Humberto (2011, p. 78), Tshombé tornou-se, para os congoleses nacionalistas, um símbolo da traição aos ideais libertários, ao agir abertamente em favor da antiga metrópole, mantendo a lógica colonial na economia regional de Katanga. Sua insistência em manter o controle provincial sobre a exploração dos minérios representou uma sabotagem clara à unidade nacional e atrasou significativamente o processo de consolidação da independência congolesa.

Nesse contexto turbulento, é que emergiu a figura decisiva de Patrice Lumumba, jovem líder político congolês que rapidamente se tornou símbolo máximo da luta nacionalista. Desde o final dos anos 1950, Lumumba destacava-se por sua postura firme, radicalmente anticolonial, e por sua capacidade de mobilizar as massas congolesas. Sua trajetória pessoal também era marcada pelas dificuldades impostas pelo regime colonial belga: embora tivesse acesso restrito à educação formal, sua formação política desenvolveu-se na prática cotidiana de contato direto com as camadas populares, o que fortaleceu sua legitimidade política perante o povo (RECHETNIAK; ANOKHINE, 2011, p. 78).

Ainda segundo Rosa (2018, p. 78), Lumumba rapidamente percebeu as complexas alianças que sustentavam o regime colonial. Diversos chefes tribais e líderes locais, especialmente nas regiões rurais, mantinham estreitos laços com as autoridades belgas. Essas alianças dificultavam significativamente a construção da unidade nacional congolêsa e eram frequentemente financiadas por corrupção e favores econômicos. Tal realidade ficou ainda mais evidente nas conferências de Bruxelas no início da década de 1960, nas quais

autoridades belgas tentavam adiar ou manipular o processo eleitoral para impedir o fortalecimento do projeto de Lumumba e enfraquecer a coesão nacional (MARTINS, 2014, p. 30-31).

Nesse cenário político altamente fragmentado, o movimento pela independência ganhava força em meio a grandes dificuldades. No fim de 1959, Patrice Lumumba já era identificado pelos belgas como um líder radical, sobretudo após seu contundente discurso no ato da independência congolesa, em 30 de junho de 1960. Enquanto o rei da Bélgica celebrava nostagicamente o passado colonial, Lumumba expôs com clareza e indignação as atrocidades sofridas pelos congoleses, rejeitando veementemente qualquer tentativa de romantizar ou apagar a violência colonial tal qual como vemos nesse trecho de seu discurso:

A todos os senhores, amigos meus, que lutaram sem trégua a nosso lado, lhes peço que façam desse 30 de julho de 1960 uma data ilustre, a que conservarão sempre guardada em seus corações: uma data cujo significado ensinará com orgulho a seus filhos, para que eles ensinem aos seus e seus netos a história da nossa luta por liberdade. Porque se é certo que hoje proclamamos nossa independência de acordo com a Bélgica, país amigo com o qual tratamos agora de igual para igual também é certo que nenhum congolês digno desse nome poderá esquecer que a independência foi conquistada lutando dia após dia. Uma luta ardente, na qual não economizamos forças, nem sofrimentos, nem sacrifícios, nem sangue. Estamos orgulhosos, até o mais íntimo de nossa alma, de ter travado uma luta que foi de lágrimas, de sangue e de fogo, porque se tratava de uma luta nobre e justa, necessária para terminar com a humilhante escravidão que nos foi imposta pela força (LUMUMBA, 2018, p 64)

Segundo Martins (2014, p. 31), essa fala histórica marcou um ponto crucial nas tensões entre o Congo independente e a Bélgica, desencadeando uma forte reação internacional. Ainda sobre o caráter de Lumumba como líder popular, Rechetniak, Anokhine e Humberto (2011, p. 7) destaca sua profunda conexão com as experiências cotidianas dos congoleses:

“Patrice sabia bem o que era o trabalho extenuante do agricultor congolês. Não era mais fácil a vida dos operários que, de manhã à noite, dobravam a espinha nas minas de diamantes da província para a Companhia Forminière. O açoite do capataz, os vergões nas costas dos negros... Isto ficou provavelmente para sempre registado na memória de Patrice Lumumba” (RECHETNIAK; ANOKHINE, 2019, p. 7). Lumumba também foi reconhecido por sua intensa atividade intelectual e jornalística. Utilizando-se da escrita como forma de resistência, seus artigos denunciavam abertamente as violências e abusos da administração colonial belga. Por meio de seus textos, Lumumba expôs a opressão sofrida pelo povo congolês e conseguiu mobilizar politicamente milhares de pessoas, contribuindo para a intensificação da luta por liberdade e justiça social no Congo (LUMUMBA, 2018, p. 17).

Neste contexto, o surgimento e fortalecimento de inúmeros partidos políticos congoleses, como o já mencionado ABAKO (liderado por Joseph Kasavubu), que representava interesses regionais e étnicos específicos, dificultaram ainda mais o processo de

independência. De acordo com Honorato (2019, p. 78), no início da década de 1960 existiam entre 40 e 100 organizações políticas no Congo, muitas delas instáveis e incapazes de exercer influência duradoura, contribuindo para um ambiente de grande fragmentação e instabilidade política às vésperas da independência, como demonstra nessa tabela uma parte dos principais partidos existentes na época:

Tabela 1 - Tabela contendo uma amostra dos principais partidos da década de 1950 e início de 1960 no Congo.

PARTIDOS	SIGLA	DATA DE FUNDAÇÃO/LOCAL	PRESIDENTE	INFORMAÇÕES GERAIS
Aliances des Bakongo	ABAKO	1956	M.Joseph Kasa-Vubu	Federalista. Ganhou 133 dos 170 assentos nas eleições municipais de dezembro de 1957, em Léopoldville. A ABAKO ganhou conotação partidária em 1956, mas foi criada como associação cultural em 1950
Moviment National du Congo	MNC	10/10/1958, Leopoldville	Patrice Lumumba	Defensor da unidade congolesa e contrário às tendências de balcanização. Foi dividida em julho de 1959 entre tendência unitarista de Lumumba (Província Oriental) e a tendência federalista de Kalonji-Ileo-Ngalula-Ado ulu (Balubadu Kasai).
Parti Solidaire Africano	PSA	04 DE 1959, Leopoldville	A.Gizenga	Federalista. Juntou-se à Abako e o MNC/ Kalonji nas eleições de dezembro de 1959
Parti National du Progrés	PNP	11/11/1959, Coquilhatville	M. Paul Bolya	“Moderado”, Cartel de Partidos locais. Considerado como partido que apoiava os interesses da administração belga
Confédération d'associations tribales du Katanga	CONAKAT	11/07/1959, Katanga	Moise Tshombe	Federalista/”autonoma Katanguês
CARTEL Balubakat-Fedeka	—	—	J.Sendwe	Unitarista por oposição ao Conakat. O partido possuía base étnica que

				representava o grupo dos Baluba do Katanga, dos “Kasaiens” (vindos do Kasai) e emigrantes do Katanga
Centre de Regroupement Africaine	CEREA	23/10/1958, Bukavu	A. kashamura e M. Bisukiro	Unitarista. Faziam oposição os grupos de colonos do Kivu
Union Congolaise	U.C.	12/1957, Elizabethville	G.Kitenge	Partido Intertribal
Parti du Peuple	P.P.	—	A.Nguvulu	Federalista. Membro do Cartel Abako-MNC/Kalonji-PS A
Aliance Rurale du Kivu	—	—	—	Partido moderado do Kivu
Union Mongo	UNIMO	1960, Bruxelas	J.Bomboko	Tinha por objetivo, reagrupar os Mongos do Equador
Association des Ressortissants du Haut-Congo	Assoreco	—	Jean Bolikango	Aliança dos Bangala

Fonte: NASCIMENTO, Evelyn (Org.) O manifesto da ABAKO e o movimento de independência no Congo

(RDC), 1956-1960 FLORIANÓPOLIS-SC: 2015

Portanto, a conjuntura do Congo no início da década de 1960 era marcada pela contradição entre o desejo popular por independência e os interesses colonialistas ainda fortemente presentes. A traição política de Tshombé e a postura radical e nacionalista de Lumumba expressaram, assim, o choque inevitável entre projetos distintos para o futuro do país: um marcado pela continuidade das relações coloniais, outro pela ruptura definitiva e soberania plena do povo congolês como vemos:

Mas Lumumba também tinha inimigos no seio da classe política congolesa. Era sabido que Lumumba e Moses Tshombé, o líder da independência do Katanga, eram inimigos e discordavam na questão da organização do estado. Depois, o grande partido da oposição, a associação ABAKO, liderada por Kasavubu, também não partilhava a ideia de um estado centralizado e punha-se do lado do Ocidente. Mesmo no próprio partido de Lumumba houve a divisão entre os que apoiavam a centralização (MNC-L) e os que advogavam o federalismo de Kalonji (MARTINS, 2014, p.35)

Ainda segundo Martins (2014, p. 34), à medida que a influência de Lumumba crescia, sua situação também se deteriorava, pois seu discurso confrontando o pronunciamento do rei da Bélgica proporcionou-lhe visibilidade e simpatia dos congoleses, o que intensificou ainda mais sua popularidade e, consequentemente, gerou um aumento no temor da Bélgica, que o

via como uma ameaça comunista. Até mesmo dentro do seu próprio partido, o MNC, começaram a existir divergências políticas e tensões internas que enfraqueceram sua posição, o que corroborou para a sua incapacidade de reconstruir um Congo independente e instável, logo após a sua independência (MARTINS, 2014, p. 35).

Dessa forma, sentindo-se sem alternativas e traído por todos os lados, Lumumba, mesmo relutante em buscar ajuda externa, viu-se obrigado a recorrer à União Soviética após a independência do Congo. A falta de apoio ocidental e as crescentes ameaças externas tornaram-se insustentáveis, forçando-o a estabelecer uma aliança com o bloco comunista, como vemos:

Quando a independência do Congo foi proclamada, Lumumba procurou construir um país sem interferências estrangeiras e com o apoio de seus aliados políticos, que acabaram por nunca existir. Quando começaram os distúrbios e as secessões de Katanga e do Kasai do sul, Lumumba não foi capaz de suprir a revolta e restaurar a ordem no Congo, pois não tinha as condições necessárias, nem os meios militares para o fazer. Os motins na Force Publique deixaram o país sem defesa e sem hierarquias para dirigi-lo. O envio de tropas belgas para o Congo, no sentido de proteger a população branca, foi visto por Lumumba como uma invasão e como um atentado à soberania de um país independente. Perante essa situação Lumumba pede ajuda à ONU, que aceita mediante a retirada das tropas belgas, mas em consequência da permanência de tropas no Katanga Lumumba decide pedir ajuda à União Soviética. RECHETINIAK; ANOKHINE; GONÇALVES, 1990 p.27

Para tanto, essa tentativa de se "alinhhar" ao bloco comunista, diante da impossibilidade de obter apoio suficiente para reestruturar o Congo, foi vista de forma ameaçadora não apenas dentro do próprio país, mas também no cenário global (MARTINS, 2014). Ainda segundo Martins (2014), "Lumumba começou a ser visto como um agente comunista, enviado pela União Soviética e era retratado pela imprensa Ocidental como 'Defraudador', 'Irresponsável' ou 'Desesperado', entre muitos outros."

Foi por meio de um complô bem orquestrado, envolvendo potências colonizadoras e aliados locais, que a morte de Patrice Lumumba foi selada. O líder congolês, que havia se tornado o primeiro-ministro do recém-independente Congo, representava uma ameaça direta aos interesses das potências coloniais e aos objetivos geopolíticos das grandes potências ocidentais durante a Guerra Fria. "Entre as potências colonizadoras; passando pelas relações entre uns e outros no contexto da Guerra Fria, cujas consequências se fazem sentir até hoje. Na verdade, tratou-se de um assassinato que ficou anunciado no dia da independência a partir de um discurso" (RIBEIRO, 2021, p.2).

Ao final deste capítulo, fica claro que o assassinato de Lumumba não foi um ato isolado, mas sim um reflexo das complexas dinâmicas de poder e das tensões internacionais daquele período. A repercussão da sua morte, tanto no Congo quanto no resto do mundo, foi

imensa, especialmente nas mídias globais. A análise da cobertura da luta do Congo pela independência foi objeto de estudo em diversos jornais, como o *Diário de Lisboa*, o *Diário da Manhã* e o *Diário de Notícias*.⁹

Capítulo 2 Repercussão de Patrice Lumumba no Diário de Pernambuco

Este capítulo tem como objetivo analisar como o *Diário de Pernambuco* repercutiu a luta de Patrice Lumumba, líder nacionalista congolês, durante o processo de independência do Congo. Através da análise de algumas matérias, editoriais e recursos visuais extraídos da Hemeroteca Digital, que é um acervo virtual de periódicos, como jornais, revistas, anuários e boletins, que foram digitalizados e disponibilizados online para consulta, sendo a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional a mais conhecida no Brasil. Foi escolhida essa ferramenta porque diferente dos acervos físicos, ela oferece uma série de vantagens que tornam o processo da pesquisa muito mais rápido e eficiente, além do acesso ser remoto e gratuito, embora saibamos que apesar dela agilizar o acesso a vastos acervos, não substitui o rigor da consulta física.

Buscou-se aqui identificar os mecanismos pelos quais o jornal associou Lumumba à ameaça comunista e à instabilidade global, ignorando ou distorcendo seus discursos e intenções emancipatórias.

O DP, integrante do império midiático dos Diários Associados e sob a influência de Assis Chateaubriand, utilizava uma retórica que, conforme observado por Carvalho (2019, p. 43), reforçava a dicotomia entre os “valores tradicionais” e o comunismo, contribuindo para um clima de medo e polarização.

Neste capítulo, serão exploradas três dimensões principais: (1) o contexto histórico e político em que o DP operava, (2) a análise da cobertura jornalística que construiu a imagem de Lumumba como um agente subversivo, e (3) as implicações ideológicas dessa narrativa para a memória histórica tanto do Congo quanto do Brasil. Ao comparar a narrativa veiculada pelo DP com os discursos e as fontes primárias de Lumumba, pretende-se demonstrar as distorções presentes na cobertura midiática e os interesses ideológicos que moldaram essa representação.

⁹ Esses periódicos foram analisados por Pedro Alexandre Nobre Santos Martins em sua dissertação de mestrado intitulada *A Crise do Congo vista pela Imprensa Portuguesa (1960-1965)*, defendida em 2014 no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (Portugal) e também por Felipe Honorato através do jornal *Le Soir* HONORATO, Felipe Antonio. Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congolesa: uma análise a partir do jornal *Le Soir*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo.

Em síntese, esta análise visa evidenciar como a imprensa brasileira, por meio do *Diário de Pernambuco*, não apenas reportou os eventos internacionais, mas também os interpretou a partir de uma perspectiva que reforçava uma divisão ideológica, contribuindo para a construção de uma imagem distorcida de figuras revolucionárias como Patrice Lumumba.

2.1 – Anticomunismo e a Imprensa no Brasil nos Anos 1960

Durante os anos 1960, o Brasil viveu um período marcado por intensas tensões políticas e ideológicas, fortemente influenciadas pelo contexto da Guerra Fria. Neste cenário, o anticomunismo se configurou não apenas como uma postura política, mas também como uma estratégia midiática que permeava as ações dos grandes veículos de comunicação, contribuindo para a construção de narrativas que legitimavam medidas de repressão e a manutenção da ordem estabelecida.

A imprensa brasileira, sobretudo os grandes conglomerados midiáticos, desempenhou um papel central na disseminação dessa ideologia anticomunista. Veículos como os Diários Associados, liderados por Assis Chateaubriand, utilizaram uma retórica polarizadora que associava o comunismo a uma ameaça existencial à ordem social e à estabilidade política do país. Essa estratégia, de acordo com Carvalho (2019, p. 43), tinha como objetivo criar uma dicotomia clara entre “nós” e “eles”, em que os ideais comunistas eram apresentados como perigosos e subversivos, enquanto os valores tradicionais e capitalistas eram exaltados como garantidores da estabilidade nacional.

Chateaubriand, que cuja trajetória combinava a prática jornalística e a atuação política, soube explorar o medo do comunismo para direcionar a opinião pública. Seus veículos de comunicação não apenas reportavam fatos, mas os interpretavam a partir de uma visão ideológica que privilegiava os interesses conservadores e alinhava o país com os blocos capitalistas ocidentais. Como examina Carvalho (2019, p. 43), “a imprensa da época era uma extensão do poder político, atuando de forma a reforçar os paradigmas que sustentavam a ordem social vigente.”

A estratégia anticomunista era evidente na forma como os jornais abordavam temas internacionais e nacionais. A cobertura de acontecimentos relacionados à descolonização de países africanos, por exemplo, era muitas vezes enquadrada sob a ótica da ameaça comunista. Esse enquadramento permitia à mídia interpretar os movimentos de libertação, a exemplo do

Congo, como manifestações de uma possível influência comunista, desvirtuando os verdadeiros anseios de emancipação dos povos colonizados.

Em síntese, o anticomunismo na imprensa brasileira dos anos 1960 foi um elemento estruturante da narrativa midiática que, ao enfatizar a ameaça comunista, permitiu a manutenção de uma ordem política conservadora. Essa abordagem não apenas contribuiu para o fortalecimento das políticas repressivas, mas também influenciou a maneira como o público percebia os conflitos internos e as mudanças sociais no país. Assim, os veículos de comunicação atuavam como verdadeiros agentes ideológicos, moldando a opinião pública e reforçando a divisão entre os ideais revolucionários e os valores tradicionalistas.

2.2 – Atuação política do *Diário de Pernambuco* nos anos 1960

Nesse ínterim, está o *Diário de Pernambuco*, um dos jornais mais antigos e tradicionais do Brasil, fundado em 1825, em Recife (Pernambuco). Com uma longa trajetória na imprensa brasileira, o jornal desempenhou um papel significativo na formação da opinião pública sobretudo depois de começar a fazer parte dos Diários Associados com Assis Chateaubriand:

Chatô, como era conhecido entre os seus pares, era dono de um verdadeiro império de jornais, revistas e estação de rádio. Ao longo de sua vida como empresário e jornalista o magnata manteve o hábito de escrever e publicar artigos das mais variadas temáticas em seus jornais.

Como afirma Wainberg: “Os Diários associados fazem uso da Rede para dar eco a voz do velho capitão [Chateaubriand], intervindo em praticamente todos os grandes conflitos da época [...]”¹⁰ por tanto, antes de ser jornalista, Assis Chateaubriand era também um político:

O que se tem, na verdade, aqui é a inserção desta personalidade híbrida [Assis Chateaubriand], complexa no cenário político brasileiro no período de 1924 a 1968 através desse arcabouço técnico. Foi, antes de mais nada e acima de tudo, um político com P grande, como afirmou acertadamente João Calmon. Um político que se expressou no jornalismo e na reportagem, no texto polemista, nas campanhas cívicas que promoveu na difusão da cultura e entretenimento, em decorrência da leitura que foi capaz de fazer do país e suas necessidades, e das potencialidades da nação num tempo de crise.¹¹

Conforme observado, Diários Associados refletiam, com frequência, os valores pessoais e os interesses de Assis Chateaubriand, tornando-se uma expressão clara de sua visão de mundo e ideologia. Segundo Carvalho (2019, p. 43), "inspira-se na visão de um Brasil

¹⁰ WAINBERG, Jacques A. Império de Palavras. 2^a edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 18.

¹¹ Ibid., p. 280.

industrial, capitalista, democrático e aliado do Ocidente"¹². Dessa forma, o conjunto desses veículos é o reflexo de uma mentalidade predominante entre determinados atores políticos e midiáticos da época, estando as representações que promoviam enraizadas no contexto de um Brasil que, durante a Guerra Fria, se alinhava cada vez mais aos interesses geopolíticos norte-americanos.

Na década de 1960, o país enfrentava uma grave instabilidade política – um clima de agitação que se arrastava desde os anos 1930, mas que se intensificou com a renúncia de Jânio Quadros e a ascensão de João Goulart à presidência. Goulart, que havia sido vice de Quadros, era visto com desconfiança por setores conservadores, os quais o rotulavam como comunista¹³ devido ao seu envolvimento em projetos de reformas estruturais, como a reforma agrária e a urbana, que visavam transformar profundamente as bases econômicas e sociais do Brasil. Tais propostas geraram um clima de tensão política, especialmente porque os anos 1960 representaram o auge da polarização ideológica entre os blocos capitalista e comunista (Reis, 2021). Nesse contexto, qualquer tentativa de promover reformas no Estado, vista como uma ameaça ao status quo, era prontamente rotulada de subversiva.

Essa perseguição aos “comunistas” não se limitava apenas à rotulação de entidades no Brasil; estendia-se também a personalidades e movimentos que defendiam ideais considerados subversivos pela mentalidade da época. Entre esses, destacavam-se aqueles envolvidos em movimentos sociais e na luta pela independência dos países africanos, frequentemente associados a causas anticoloniais e de justiça social. Essas figuras eram, muitas vezes, retratadas como inimigas do regime simplesmente por estarem alinhadas com valores como a soberania nacional, a autodeterminação dos povos e a busca por uma ordem internacional mais justa e igualitária.

A luta de Patrice Lumumba pela independência do Congo não escapou desse contexto dualista da Guerra Fria. Utilizando as representações midiáticas, sobretudo nas páginas do Diário de Pernambuco (DP), o jornal refletia e ecoava os interesses pessoais do “Velho Chatô”, o que não se restringia a uma estratégia jornalística, mas fazia parte de um movimento maior de desinformação e manipulação das massas, favorecendo aqueles que detinham o poder midiático e a influência

¹² Ibid., p. 278.

¹³ Comunismo (do latim *communis*) é um sistema ideológico e um movimento político, filosófico, social e econômico cujo objetivo final é o estabelecimento de uma sociedade comunista, ou seja, uma ordem socioeconômica estruturada sob as ideias de igualitarismo, propriedade comum dos meios de produção e na ausência de classes sociais, do dinheiro e do Estado. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Nesse período o Brasil buscava fortalecer estrategicamente suas relações com o continente africano, que vivenciava um processo acelerado de descolonização. Com base nos registros do diplomata Bezerra de Menezes, o Brasil enxergava na África novas oportunidades para investimentos, crescimento nacional e desenvolvimento econômico. Esse movimento era particularmente relevante em uma época em que a política internacional era fortemente influenciada por rivalidades ideológicas (Reis, 2021). Assim, o país começou a adotar uma postura de apoio à emancipação dos territórios africanos, firmando pactos que representassem seus interesses no exterior – uma atitude que desagradava a elite conservadora, justamente por desafiar os interesses estabelecidos e o status quo das classes dominantes.

Vale destacar também, conforme pontua o professor Juvenal de Carvalho, que "no Brasil, onde as relações capitalistas são mais antigas, a imprensa foi transformada em um dos principais instrumentos de disputa de hegemonia na sociedade, em função da sua capacidade de criar e reproduzir cenários e representações" (Carvalho, 2019, p. 43). No caso do DP, o veículo transmitia o pensamento e a ideologia de seu proprietário; seus aparatos midiáticos serviam, assim, como ferramentas para a promoção de suas ideias, intervindo de maneira decisiva nos principais conflitos políticos da época. Cabe ressaltar, inclusive, que antes de se dedicar ao jornalismo, Assis Chateaubriand também atuou como político.

O DP, como parte do império midiático de Chateaubriand, refletia uma visão conservadora e, por vezes, anticomunista, sendo um instrumento eficaz para influenciar o debate nacional e internacional.

Conforme aponta Conceição (2019, p. 19), "a representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura utilizam a linguagem para produzir sentidos, constituindo uma fonte de conhecimento social, ligada às práticas e à disputa de hegemonia e relações de poder". A cobertura de eventos, como a luta de Patrice Lumumba pela libertação do Congo, durante o período de intensa polarização ideológica da Guerra Fria, exemplifica como o jornal alinhava, de forma implícita, às questões globais aos interesses políticos locais, orientando a opinião de seus leitores.

Figura 3 - Página 2 do Diário de Pernambuco de 04/06/1960



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

2.3 – A cobertura de Lumumba e a luta por independência africana na imprensa pernambucana

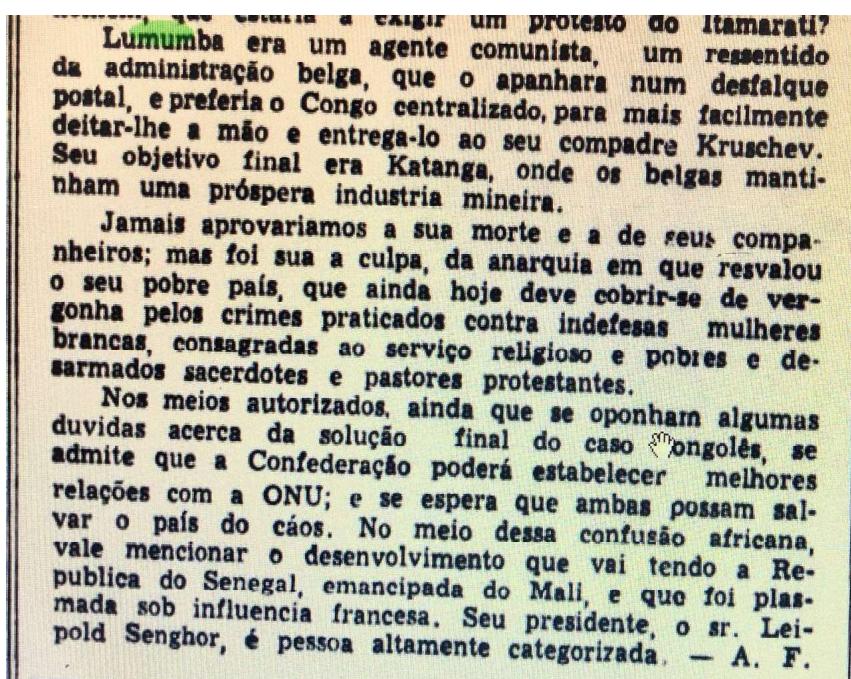
No entanto, ao examinar algumas cartas e discursos de Lumumba, pode-se argumentar que suas intenções e objetivos não correspondem à maneira como ele foi retratado em muitos contextos, especialmente nas interpretações que o associam diretamente ao comunismo ou a uma orientação ideológica que ele mesmo não professava de forma explícita como vemos:

Não queremos conhecer novas formas de ditadura. Este governo se preocupará por manter relações amistosas com todos os países estrangeiros, mas não cederá as sugestões de integração em um ou outro dos blocos que dividem o mundo. (LUMUMBA, 2018, p. 56)¹⁴

Embora as narrativas, do DP, o associem diretamente ao comunismo, o primeiro ministro do Congo independente, se posicionava de maneira independente, rejeitando qualquer vínculo com os blocos ideológicos da Guerra Fria, como já foi mencionado.

Mesmo após a morte de Patrice Lumumba, o Diário de Pernambuco persistiu em retratá-lo de maneira distorcida, mantendo a narrativa de que ele era um “comunista perigoso”. Dessa forma, a crítica ao comunismo se tornou um pilar central de várias das matérias encontradas neste trabalho. Essa postura perdurou até mesmo depois de seu assassinato e continuou a ser refletida até os fins da década de 1960.

Figura 4 - Página do Diário de Pernambuco de 16/03/1961



Lumumba era um agente comunista, um ressentido da administração belga, que o apanhou num desfalque postal, e preferia o Congo centralizado, para mais facilmente deitar-lhe a mão e entregá-lo ao seu compadre Kruschev. Seu objetivo final era Katanga, onde os belgas mantinham uma próspera indústria mineira.

Jamais aprovaremos a sua morte e a de seus compa-
nheiros; mas foi sua a culpa, da anarquia em que resvalou
o seu pobre país, que ainda hoje deve cobrir-se de ver-
gonha pelos crimes praticados contra indefesas mulheres
brancas, consagradas ao serviço religioso e pobres e de-
sarmados sacerdotes e pastores protestantes.

Nos meios autorizados, ainda que se oponham algumas
duvidas acerca da solução final do caso congolês, se
admite que a Confederação poderá estabelecer melhores
relações com a ONU; e se espera que ambas possam sal-
var o país do caos. No meio dessa confusão africana,
vale mencionar o desenvolvimento que vai tendo a Re-
pública do Senegal, emancipada do Mali, e que foi plas-
mada sob influência francesa. Seu presidente, o sr. Lei-
pold Senghor, é pessoa altamente categorizada. — A. F.

Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Sobre essa ocorrência específica, que alega que Lumumba desejava um governo centralizado para se apropriar da região de Katanga, podemos analisar na íntegra parte do

¹⁴ Discurso proferido por Lumumba em 20 de janeiro em uma conferência em Bruxelas. LUMUMBA, Patrice Émery. **A África será livre**. Brasília: Editora Reaja, 2018.

discurso de Lumumba sobre a secessão dessa região, apoiada pela Bélgica, o que refuta as acusações caluniosas veiculadas pelo *Diário de Pernambuco* (DP):

A Bélgica que reconheceu a independência do Congo escreveu a Lei Fundamental¹⁵ que as seis províncias congolesas constituem um ente político indivisível e indissolúvel, é a mesma que envia tropas de ocupação a Katanga. É a mesma que envia um emissário especial a Tshombé; é a mesma que prepara a cessão definitiva de Katanga, com o único objetivo de manter em pé a Union Minière e pôr novamente suas mãos raptoras em nosso país.

Ainda nesse sentido, o jornal começa a exaltar o colonialismo como uma força "civilizadora", minimizando as atrocidades cometidas durante o período colonial e até mesmo o genocídio promovido pelos belgas, criando uma narrativa que mascara a violência histórica em nome da "civilização" como vemos nessas duas matérias do mês de julho, antes da independência.

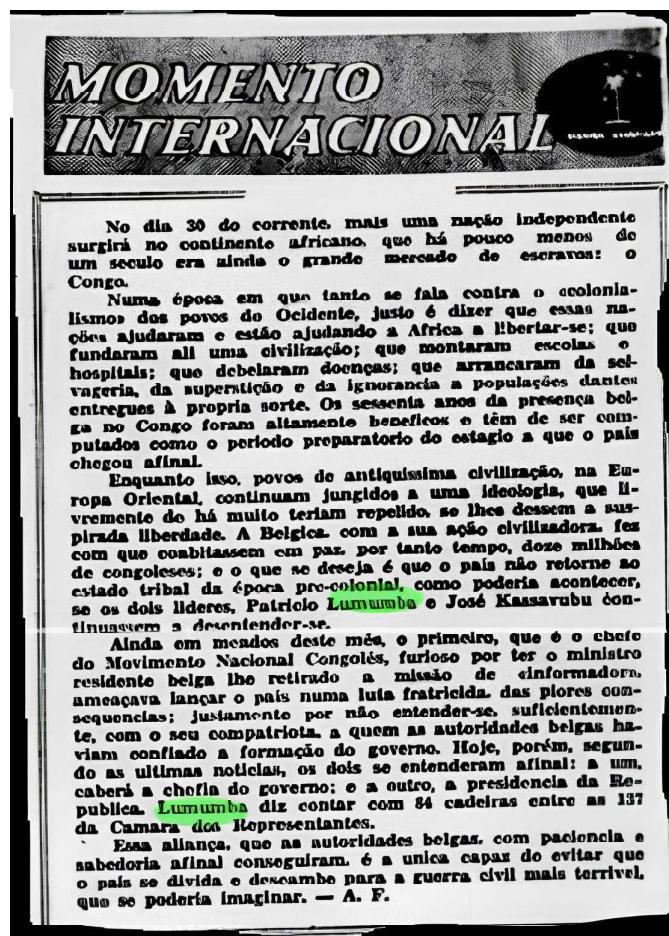
Figura 5 - Página do Diário de Pernambuco de 23 de julho de 1960



Fonte:Hemeroteca digital Biblioteca Nacional (BN)

¹⁵ A lei Fundamental foi a Constituição Provisória do Congo. LUMUMBA, Patrice Émery. *A África será livre*. Brasília: Editora Reaja, 2018.

FIGURA 6 - Página 2 do Diário de Pernambuco terça-feira 28 de junho de 1960



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Essas matérias específicas, não dialoga nem reflete a real condição de exploração denunciada pelo primeiro ministro em seu famoso discurso na Conferência de Acre:

O Congo, nossa pátria, viveu durante 80 anos em um estado de sujeição política. Este regime de escravidão, rebatizado pelos colonialistas com o nome de “obra civilizadora”, privou os habitantes deste país do fruto de seus direitos naturais. Em nome da civilização e da religião que nos trouxeram, os colonialistas se entregaram à destruição de nossos valores morais e artísticos. Em nome da civilização e da religião, a personalidade do homem negro foi por muito tempo escarnecidida, ridicularizada arrastada na lama. Os colonialistas destruíram com violência, a base de artimanhas e propaganda, tudo aquilo que orgulhava ao homem africano: sua poesia, sua magia, sua filosofia, suas tradições, seu folclore. O objetivo dos colonialistas era fazer dos africanos seres sem alma, sem personalidade; cegos, imitadores, instrumentos de sua propaganda, serventes com um único dever, trabalhar, resignar-se e calar (LUMUMBA, 2018, p. 102).

O que se percebe a partir daí é que ao celebrar a "civilização" promovida pelo colonialismo, o jornal distorce a realidade histórica de um país que foi massacrado por essa mesma "civilização" para justificar as ações coloniais. Em contrapartida, Lumumba, em seu discurso, denuncia a opressão, a violência e o abuso a que o povo congolês foi submetido

durante o domínio belga, chamando atenção para a destruição dos valores culturais e morais do Congo. De acordo com Rodney (1975), o colonialismo não foi essa força civilizadora, mas sim um sistema de exploração econômica e desumanização. “O colonialismo teve uma só face, foi um bandido armado” (Rodney 1975, p. 292).

Dentro desse panorama, (FANON 1968) traz à tona a questão do uso da violência como uma possível alternativa capaz de destruir o sistema colonial e permitir a reconstrução da identidade e autonomia dos povos colonizados; “Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado” (Fanon, 1968, p. 30).

Assim, é possível compreender o pensamento de Fanon, especialmente quando o DP evidencia como o colonizado é desumanizado por meio dos discursos e das práticas que legitimam a dominação, conforme exemplificam os termos encontrados nas imagens abaixo:

A mesma matéria ainda faz uma exaltação a Moïse Tshombé, como sendo esse um injustiçado, quando na verdade ele foi um colaborador do colonialismo belga e das potências ocidentais, que se opôs à independência do Congo e à luta liderada por Patrice Lumumba. (LUMUMBA, 2018, pp.70-72) ao apoiar a separação da região de Katanga, Moïse e seus apoiadores procuravam garantir também os interesses das potências coloniais, principalmente a Bélgica, que desejava manter o controle sobre as riquezas minerais da região como vemos neste discurso de Lumumba¹⁶:

Os saqueadores de nossa riqueza, autores da secessão de Katanga, estes criminosos que destruíram a amizade entre Congo e Bélgica, amiga e cristã, se lamentam de sua bestialidade. Nossa irmão Tshombe será no futuro julgado pelo povo. O povo de Katanga, que nos fazem chegar todos os dias mensagens urgentes, condenando a Tshombe e seus atos criminosos, será feliz ao saber que Katanga permanece unida ao Congo. O povo de Katanga, aterrorizado pela dominação belga restaurada em sua província, ficará feliz em saber que a ONU condena a atitude belga.

Contemporâneo de Lumumba, o médico, filósofo e militante da Frente de Libertação Nacional, Frantz Fanon (1925-1961), acreditava que, da forma que o primeiro ministro do Congo pós independência, estava a conduzir o país, enquanto líder político, com seu “nacionalismo exacerbado” e sua total confiança nos congoleses estava se auto sabotando:¹⁷

Lumumba acreditava em sua missão. Tinha uma confiança exagerada em seu povo. Esse povo, para ele, não podia se enganar nem tampouco ser enganado. E, de fato, tudo parecia lhe dar razão. A cada vez por exemplo que os inimigos do Congo

¹⁶LUMUMBA, Patrice Émery. A África será livre. Brasília: Editora Reaja, 2018.

¹⁷ Para mais clareza das informações, analisar o último capítulo do livro “Por uma revolução africana” intitulado: A morte de Lumumba: poderíamos ter agido de outra forma? Fanon, Frantz. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

conseguiam levantar a opinião pública contra ele numa região, bastava-lhe aparecer, explicar, denunciar para que a situação voltasse ao normal. Ele estranhamente se esquecia de que não podia estar em toda parte ao mesmo tempo e que o milagre da explicação era menos a verdade do que ele expunha do que a verdade de sua pessoa. (FANON, 2021, p. 269)

Ainda segundo Fanon (2021) embora os países conquistassem a independência política, muitos deles não conseguiam se livrar dos legados coloniais e das estruturas de poder que os aprisionavam “Na África, pelo contrário, os países que obtêm a independência são tão instáveis quanto suas novas burguesias ou seus príncipes renovados” (FANON, 2021, p. 261).

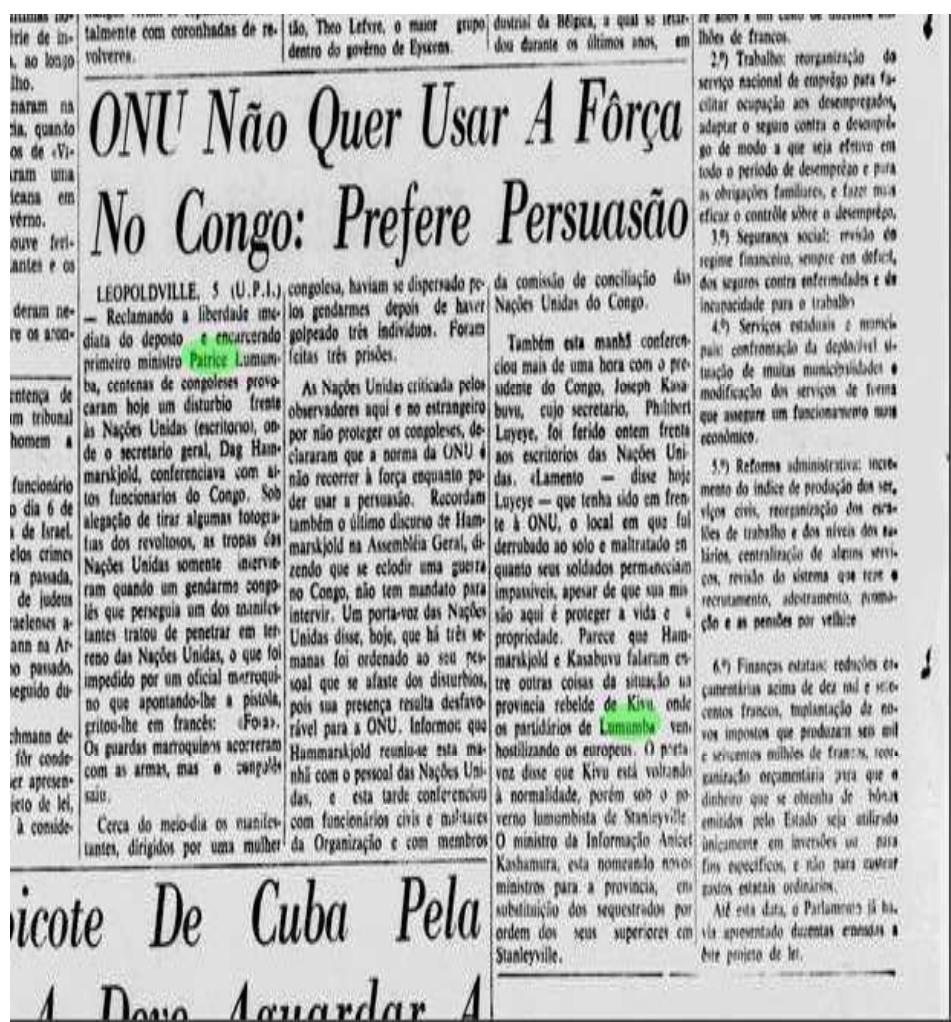
De fato, um exemplo claro e contundente que ilustra esse pensamento de Frantz Fanon sobre a instabilidade das nações recém-independentes é o comportamento de Moïse Tshombé, chefe de Katanga, que já foi outras vezes ao longo deste trabalho. Tshombé, movido pela ganância e pelo desejo de manter seu poder na região mais rica do Congo, alinhou-se com potências estrangeiras, comprometendo a estabilidade do país. Para Fanon o “triunfo” da África, não deveria passar pelas mãos dessa burguesia traidora. (FANON, 2021, p. 262)

Fica evidente que Fanon não enxergava a violência apenas como uma forma de combater o colonialismo, mas como um mecanismo transformador que envolvia tanto a luta externa contra o opressor quanto um processo interno de recuperação da identidade e da dignidade dos oprimidos “Agora se comprehende bem melhor o que se afirmava ser a violência, a rigidez de Lumumba. Tudo mostra, com efeito, que Lumumba foi excepcionalmente calmo” (FANON, 2021, p. 272).

Todavia, após a conclusão do último capítulo de “*Por uma revolução africana*” a análise que Fanon faz a Lumumba e aos caminhos que o mesmo procurou de resolver os conflitos em seu país, não deve ser vista como uma tentativa de desqualificá-lo, mas sim como uma forma de aprendizado e tentativa de advertência para as futuras gerações africanas, para que não repitam os mesmos equívocos.

Não foi incomum encontrar, nas páginas do Diário de Pernambuco, notícias que enfatizavam a “ajuda” da ONU ou que buscavam atenuar as críticas às ações da organização, apresentando-as de maneira mais favorável:

FIGURA 7 - Página do Diário de Pernambuco sexta-feira 06/01/1961



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Entretanto, Patrice Lumumba, em suas cartas direcionadas a representantes da ONU e em seus discursos, denunciava veementemente as ações dessa organização. Em vez de ver a ONU como uma força neutra ou benevolente, Lumumba a considerava um instrumento de intervenção imperialista que, em vez de apoiar a verdadeira independência do Congo, favorecia os interesses das potências ocidentais:

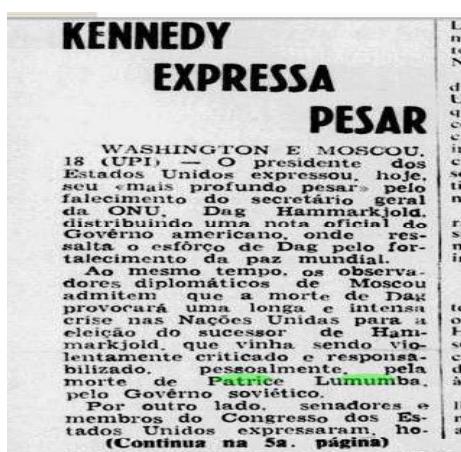
Por que as tropas da ONU não atuam conforme as resoluções do Conselho de Segurança? Devemos comprovar com dor que esta deficiência acontece por causa da ação do senhor Hammarskjold¹⁸. Este senhor se transformou num instrumento de design, que já não é somente da Bélgica, mas de todos os colonialistas: o de impedir que nosso país seja verdadeiramente independente, o de impedir que nosso povo desfrute da riqueza de sua terra, riqueza que uma implacável dominação já nos fez pagar com sangue, suor com bestial esforço. A construção de um estado

¹⁸ Economista, sueco e secretário-geral da ONU. Morreu em um acidente de avião em 1961, recebendo o prêmio Nobel da Paz póstumo. LUMUMBA, Patrice Émery. *A África será livre*. Brasília: Editora Reaja, 2018

independente implica necessariamente na supressão de todas as estruturas políticas, econômicas e sociais herdadas do colonialismo e capazes de se constituir em obstáculos para o desenvolvimento da nação. Nossa escolha foi esta e quanto a ela não pode haver retrocesso do governo congolês. A Bélgica e todos os colonialistas se agrupam contra tal escolha. É daí o engano de ação do secretário-geral da ONU; é daí a tentativa de colocar-nos novamente, por meio da ONU, sob tutela.

Vale ressaltar que o secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld, figura frequentemente criticada por Patrice Lumumba em seus discursos a quem não atendia os apelos do primeiro ministro sobretudo quando lhe era solicitado apoio para retirada das tropas belgas no país,¹⁹ também foi tema recorrente nas ocorrências do Diário de Pernambuco. Na matéria da sexta-feira, 17 de março de 1961, o nome do secretário aparece sendo acusado pelo assassinato de Lumumba pela União Soviética, entretanto, o jornal diz que “culpar o sr Dag Hammarskjöld pelo assassinio de Lumumba é como culpa-lo pelo massacre do povo Húngaro, ou como culpar Jesus Cristo pelo suicídio de Nero”²⁰ Em outra matéria publicada no dia 19 de setembro de 1961, o jornal destaca o lamento dos Estados Unidos pela sua morte, enfatizando como o país reconhecia seus esforços para o fortalecimento da paz mundial. Nesta matéria, Hammarskjöld é retratado como uma vítima de injustiça, sugerindo que ele estava sendo acusado injustamente pela morte de Lumumba. Essa abordagem reflete a tentativa de desviar as críticas e proteger a imagem da ONU e de seus representantes, como Hammarskjöld, diante do contexto político tenso da época como vemos:

FIGURA 8 - Página do Diário de Pernambuco sexta-feira 06/01/1961



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

De fato, não poderia ser diferente a apreciação dos Estados Unidos ao secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld, pois, apesar de todos os conflitos em curso no Congo e dos inúmeros apelos do país para a retirada das tropas belgas na região, a atuação da ONU se

¹⁹ Informações retiradas de uma carta de Lumumba à Dag Hammarskjöld, em 26 de julho de 1960 retirada do livro LUMUMBA, Patrice Émery. *A África será livre*. Brasília: Editora Reaja, 2018

²⁰ Diário de Pernambuco, edição 00062, sexta-feira, 17/03/1961

mostrava ineficaz. No entanto, os Estados Unidos não demonstravam grande preocupação com essa inoperância da ONU, já que no contexto da Guerra Fria, o que realmente interessava para eles, era a preservação de suas influências estratégicas na África. Ainda nas palavras do ex-presidente Harry S. Truman: “Não podemos ficar sentados e aguardar que os russos se apoderem da situação e deem origem a uma nova guerra”²¹

Ainda ao trazer o apreço pelos EUA, o jornal por si só também demonstrava o alinhamento com o bloco capitalista, isso foi constatado na matéria do DP: Ao utilizar a expressão “abraço de tamanduá”.

Diversos autores discutem como os jornais desempenham um papel decisivo na formação das representações coletivas, muitas vezes sendo instrumentos ideológicos que favorecem determinados discursos sobre outros. Para Hall (2016) a mídia é uma das principais instituições responsáveis pela construção das representações sociais, não apenas como refletora da realidade, mas também como produtora de significados e imagens que influenciam a percepção da sociedade. Jean-Paul Sartre amplia a discussão ao tratar do imperialismo e do neocolonialismo, evidenciando as relações de poder que a mídia muitas vezes oculta ou distorce.

No *Diário de Pernambuco*, os anos seguintes a 1960, e mesmo após seu assassinato em 1961, foram marcados por uma intensa e contínua perseguição à figura de Patrice Lumumba. Mesmo morto, Lumumba seguiu sendo retratado como uma forte ameaça, conforme evidenciado em diversas publicações do jornal. Um exemplo disso pode ser encontrado nas matérias de 11 de março de 1961, que, surpreendentemente, continuavam a descrever o líder congolês como um perigo, sugerindo que sua ideologia e sua atuação política representavam uma ameaça persistente.

²¹ Diário de Pernambuco sábado, 04/03/1961 página 2.

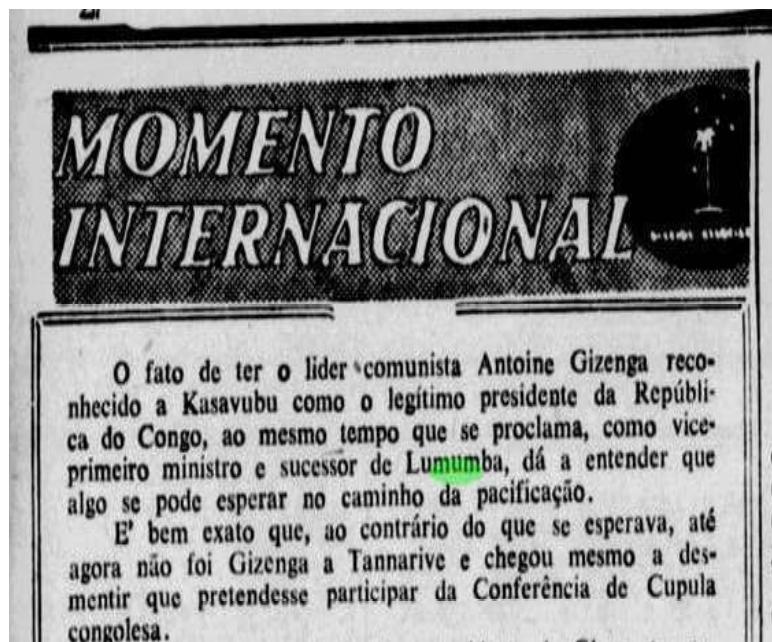
Figura 9 - Página do Diário de Pernambuco: sexta-feira 17/01/1961



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Em 1962, apenas quatro matérias foram encontradas com o nome "Patrice Lumumba, já as matérias do ano de 1963, associavam constantemente o então sucessor de Patrice Lumumba, Antoine Gizenga, a uma espécie de "seguimento fiel" do líder congolês, como se o mesmo fosse uma continuidade direta de sua luta e ideais. Sempre que o nome de Gizenga aparecia nas reportagens, ele era frequentemente retratado de forma a destacar essa conexão estreita com Lumumba como vemos na matéria:

Figura 10 - Página do Diário de Pernambuco, sexta-feira, 21/01/1962



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Dessa forma, o *Diário de Pernambuco*, de maneira recorrente, só comprova seu teor anticomunista que se estendeu até o fim da década de 1960 tentou associar Antoine Gizenga a Patrice Lumumba, essa estratégia não era uma mera tentativa de relatar os acontecimentos políticos no Congo, mas uma manobra deliberada para desacreditar a imagem de Lumumba e, sempre está o associando a um esquerdista comunista.

Nos anos subsequentes a 1963, o nome “Patrice Lumumba” mesmo após sua morte, ainda se fazia presente no *Diário de Pernambuco*. Apesar de não ser com tanta frequência, e nem está se referindo à figura de Lumumba em si, em vez disso, passava a ser associado de forma mais recorrente à Universidade Patrice Lumumba,²² localizada na cidade de Moscou, capital da então extinta União Soviética (URSS). Essa universidade, criada com o apoio soviético, visava a educação de estudantes de países em desenvolvimento, principalmente aqueles com vínculos com movimentos de descolonização e resistência ao imperialismo ocidental. Contudo, engana-se quem pensa que o DP não encontrou uma maneira de continuar

²² A Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba da Rússia (em russo: Российский университет дружбы народов имени Патриса Лумумбы), também conhecida como Universidade RUDN e até 1992 e depois de março de 2023, como Universidade Patrice Lumumba em homenagem ao político congolês Patrice Lumumba, é uma universidade pública de pesquisa localizada em Moscou, Rússia. Foi fundada em 1960 por uma resolução do Comitê Central PCUS e do Conselho de Ministros da URSS para ajudar as nações a auxiliar os países que haviam recentemente alcançado a independência das potências coloniais. WIKIPÉDIA, a encyclopédialivre. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Patrice_Lumumba_Peoples%27_Friendship_University_of_Russia

associando o nome de Lumumba a uma narrativa que o vinculava ao comunismo e à ameaça socialista através da universidade russa como vemos:

FIGURA II - Página do Diário de Pernambuco: Domingo 04/08/1963

Em Moscou, em Praga, em Pequim e noutras capitais comunistas existem escolas de preparação de elementos de outras nações para servir à causa comunista em seus países de origem.

A escola Patrice Lumumba, em Moscou, destinada aos africanos, ensina até bruxaria aos seus alunos, para que quando eles regressem aos seus países de origem, possam impressionar melhor ao seu povo, conquistando novos adeptos para o comunismo.

Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Esta matéria revela uma profunda imbricação entre o discurso anti-comunista e a consolidação de estereótipos raciais pré-existentes e muito longe de ser um relato factual, essa notícia constitui-se como um ato performativo de representação que, conforme Stuart Hall, não reflete o mundo, mas o constrói a partir de uma formação discursiva que opera em duas frentes ideológicas simultâneas: a ameaça comunista é retratada não apenas como um risco político, mas como uma força maligna e irracional, enquanto os africanos são reduzidos a sujeitos passivos e ingênuos, facilmente manipulados por uma potência estrangeira, cujos métodos de persuasão seriam a "bruxaria", uma imagem que já reside no imaginário colonial. Essa associação é um exemplo claro do que Márcio Paim (2011) define como "juízo interpenetrado por mitos raciológicos", reforçando a imagem "afropessimista" de um continente atrasado e caótico.

Capítulo 3 Estereótipos e a Desumanização da África no *Diário de Pernambuco*

A imprensa desempenhou um papel central na produção e disseminação de imagens sobre o continente africano, especialmente no Ocidente. Ao longo do século XX, e de forma acentuada durante as lutas por independência, a África foi frequentemente reduzida a um punhado de clichês e estereótipos. Longe de ser apenas um cenário para notícias esporádicas, o continente é constantemente enquadrado por modelos que perpetuam visões limitadas e, por vezes, pejorativas. Contudo, ao trazermos coberturas midiáticas, que abordem eventos complexos sobre África no geral, é fundamental ir além da superfície das notícias e analisar como o discurso midiático contribui para a construção dessas imagens preexistentes.

Para trazer de forma mais aprofundada essa África, que na maioria das vezes é representada de forma preconceituosa, se fez fundamental nesta monografia recorrer a alguns conceitos de representação discutidos pelo sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall em “*Cultura e Representação*” e, ainda nesse sentido, se fez significativo destacar os trabalhos de Márcio Paim²³ e do professor Juvenal de Carvalho Conceição²⁴, onde suas pesquisas sobre representações de África, despontam como pilares analíticos indispensáveis, tendo em vista que ambos os autores, em suas respectivas dissertação e tese de doutorado, empreenderam investigações aprofundadas sobre como as notícias jornalísticas constroem e solidificam estereótipos sobre o continente, a partir de diferentes perspectivas.

Stuart Hall (1932-2014), considerado uma figura central nos estudos culturais, em seus abrangentes estudos sobre cultura e os efeitos da mídia na sociedade, elucida o complexo processo de produção de sentido ao nos apresentar a correlação entre dois sistemas de representações, sendo o primeiro deles o “Conceito” onde Hall aponta:

[...] Toda ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos é correlacionada a um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos. Sem elas jamais conseguiríamos interpretar o mundo de maneira de conceitos ou representações mentais que nós carregamos inteligível. [...] Este sistema possibilita que façamos referência a coisas tanto dentro quanto fora da nossa mente. (HALL, 2016, p.34)

Já o segundo sistema analisado pelo sociólogo para a produção de sentidos é o da Linguagem. Hall argumenta que a linguagem é o meio privilegiado pelo qual "damos sentido" às coisas. Para ele, os significados só podem ser compartilhados por meio do acesso comum à linguagem, tornando-a fundamental para os sentidos e para a cultura, sendo essa: “cultura não

²³ PAIM, Márcio. África nos editoriais da Folha de São Paulo (1989-2001). 2011.

²⁴ DE CARVALHO CONCEIÇÃO, Juvenal. **Representações da África na imprensa brasileira: VEJA, ISTO É e ÉPOCA.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 57, 2016.

é nada mais do que a soma de diferentes formações discursivas aos quais as língua recorre a fim de dar significado às coisas" (HALL, 1997, p.29). Assim:

[...] Entretanto, a identificação que fazemos das mesma como “pedra” só é possível devido a uma forma particular de classificar os objetos e de atribuir significado aos mesmos (isto é, a palavra pedra vista como parte de um sistema de classificação que diferencia pedra de ferro, madeira, etc; ou por outro lado, num sistema de classificação diferente - a pedra em oposição ao pedra, rocha, seixo etc. (HALL, 1997, p. 28)

O sociólogo argumenta que este sistema se tornou ainda mais indispensável nas últimas décadas para a compreensão dos sentidos da cultura e afirma, também, que a representação não é um mero reflexo da realidade, mas um processo ativo e central na construção do nosso mundo e da nossa cultura. Esses conceitos destacam que a forma como as coisas são representadas seja na mídia, na arte ou na linguagem cotidiana moldam profundamente nossa percepção e entendimento do mundo e a partir disso, que analisaremos alguns textos do *Diário de Pernambuco*.

3.1 - A representação da selvageria

Em um artigo de 20 de agosto de 1960, intitulado "O mito do Africanismo" assinado por Gilberto Rosa, Lumumba foi retratado como um indivíduo cujas práticas eram consideradas "atrasadas". O autor do texto declara que "é necessário possuir prudência e sabedoria em grau que o Primeiro Ministro congolês não demonstra ter com as suas manifestações beluínas, aliás, ainda não abandonadas" (ROSA, 1960, p. 04). De acordo com Márcio Paim, a utilização de termos como "beluínas" que tem como sinônimos: selvagem, bestial, feroz bárbaro, neste contexto não seria fortuita; seu propósito é depreciar a imagem da África:

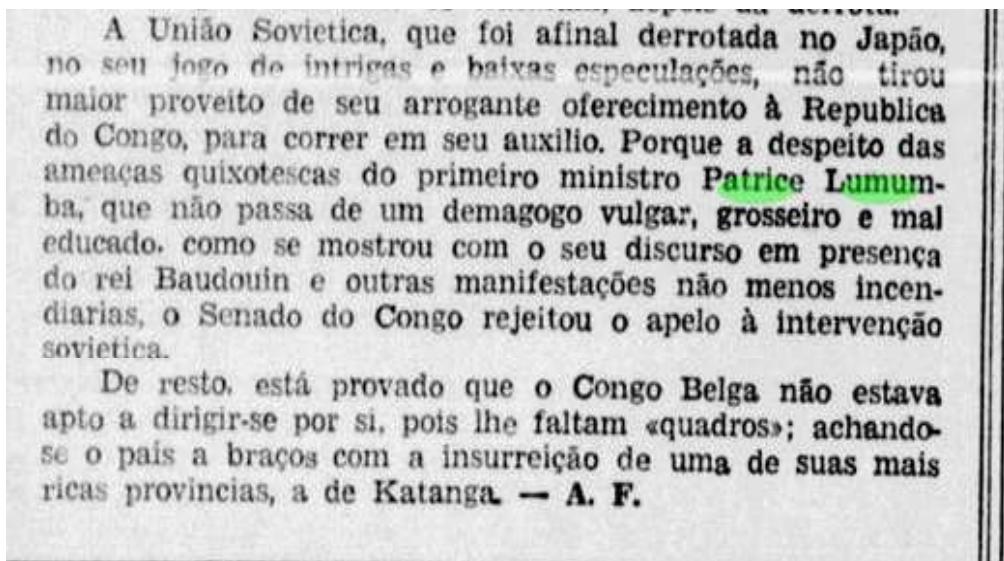
"A presença de termos como: guerra civil, selvageria, mortandade, tragédia, e combates sangrentos contribuíram/para a consolidação de um juízo interpenetrado por mitos raciológicos ou pela noção de inferioridade cultural. Além disso nomenclaturas como as mencionadas, coadunam com a imagem afropessimista"²⁵ (PAIM, 2011, p 102).

A linguagem midiática, ao empregar termos depreciativos e violentos, constrói uma narrativa que, mais do que descrever fatos, opera como uma ferramenta ideológica. A caracterização

²⁵ PAIM(2011, p.102) apud CONRAD, Joseph. Coração das trevas. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

das ações de Lumumba como "beluínas" insere-o, bem como o movimento de independência africano, em um sistema de "inferioridade cultural" que não apenas legitima o olhar colonial, mas também desqualifica as legítimas aspirações por autonomia e liberdade dos povos africanos, como vemos no tratamento dado a Lumumba nessa matéria:

Figura 12 - página 2 do Diário de Pernambuco quarta-feira 20/06/1960



A União Soviética, que foi afinal derrotada no Japão, no seu jogo de intrigas e baixas especulações, não tirou maior proveito de seu arrogante oferecimento à República do Congo, para correr em seu auxílio. Porque a despeito das ameaças quixotescas do primeiro ministro Patrice Lumumba, que não passa de um demagogo vulgar, grosseiro e mal educado, como se mostrou com o seu discurso em presença do rei Baudouin e outras manifestações não menos incendiárias, o Senado do Congo rejeitou o apelo à intervenção soviética.

De resto, está provado que o Congo Belga não estava apto a dirigir-se por si, pois lhe faltam «quadros»; achando-se o país a braços com a insurreição de uma de suas mais ricas províncias, a de Katanga. — A. F.

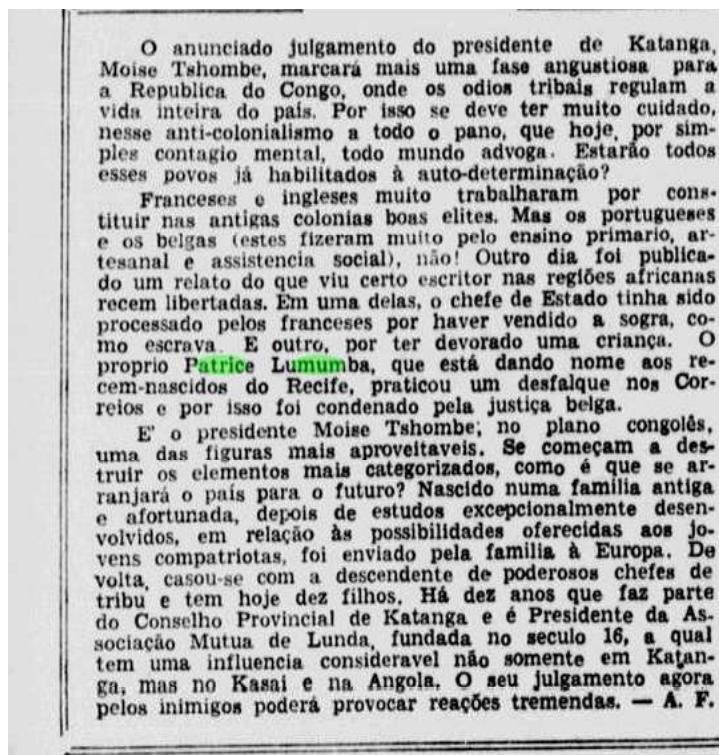
Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

A análise das matérias sobre o Congo não se restringe a um caso isolado, mas reflete uma tendência mais ampla da mídia em reforçar estereótipos sobre todo o continente africano. Marcio Paim, busca identificar esses estereótipos ao analisar os termos e as abordagens usadas nos editoriais da *Folha de São Paulo* nos anos de 1989 a 2001 onde encontramos análises e representações de diversos países africanos, como África do Sul, Angola, República Democrática do Congo, Ruanda, Moçambique, Somália e Líbia.

A constância da associação do continente africano com fatos e acontecimentos negativos, como divergências políticas internas, guerras civis, calamidades públicas, fome, e outras mazelas, contribui para a consolidação de uma imagem "afropessimista" da África erigida no ocidente. (PAIM, 2011).

Longe de ser apenas um cenário para notícias esporádicas, a África é constantemente enquadrada por estereótipos que perpetuam visões limitadas e, por vezes, pejorativas. O Congo, nesse contexto, surge como mais um elemento que serve para reforçar e nutrir esse estereótipo generalizado sobre a África, como vemos neste discurso do jornal que reforça esses “mitos mitos raciológicos.”

FIGURA 13 - Diário de Pernambuco sexta-feira 13/07/1961



Fonte: Hemeroteca digital – Biblioteca Nacional (BN)

Paim (2011) que examina a cobertura da *Folha de São Paulo*, um dos periódicos mais influentes do país, revelando os padrões de representação e os enquadramentos predominantes e por sua vez, Juvenal de Carvalho que dedica sua análise às Revistas *Veja*, *Istoé*, *Época* e *Tempo* (moçambicana), explorando como essas importantes publicações semanais contribuíram para a consolidação de certas imagens sobre o continente africano. Suas análises, embora distintas em seus objetos de estudo, convergem na elucidação de como a imprensa brasileira, inserida em um contexto ocidental, reproduz e consolida visões estereotipadas da África.

A incorporação das contribuições de Paim e Carvalho foram aprofundadas para que suas discussões sobre a formação dos estereótipos e a análise do discurso jornalístico possam ser devidamente incorporadas ao arcabouço teórico deste trabalho. Esses estudos fornecem o enquadramento analítico necessário para compreender que os padrões observados na cobertura de jornais específicos, como o *Diário de Pernambuco*, não são fenômenos isolados. Pelo contrário, eles se inserem em uma dinâmica mais ampla das notícias sobre a África no Brasil e, por extensão, no Ocidente, conforme explicitado por Carvalho em sua dissertação.

3.2 - Um olhar sobre as representações

O discurso jornalístico do *Diário de Pernambuco*, ao associar a figura de Patrice Lumumba ao comunismo, emprega uma estratégia de desqualificação que vai além da crítica política, enraizando-se em estereótipos raciais preexistentes. Conforme a análise de Juvenal de Carvalho, essa prática insere-se em um sistema de "estratégias de construção da hegemonia cultural ocidental", no qual a imprensa atua para moldar representações da África e de seus povos. Nesse processo, os afrodescendentes são sistematicamente construídos como um "Outro" — "diferente", "inferior" e, em última instância, "sub-humano".

Em consonância com a teoria de Stuart Hall (2016), a narrativa do *Diário de Pernambuco* ao insistir constantemente em associar Lumumba a um "comunismo irracional e perigoso" ilustra um tipo de representação estereotipada que vai além do sujeito em si, mas que essa prática, na verdade, projeta uma imagem de uma África "cheia de" desordem, irracionalidade e inferioridade, servindo para reforçar os mitos raciológicos e a condição de subalternidade, que a hegemonia cultural ocidental tenta imputar ao continente de modo geral.

Conforme Hall (2016) esse estereótipo transforma a "diferença" para fixá-la e naturalizá-la, impossibilitando que o indivíduo se liberte de uma condição de subalternidade, sendo capturado por um enquadramento pré-determinado e negativo. Essa lógica, reduz pessoas a lugares a uma ou poucas características "simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas" (HALL, 2016, p.191).

Nas últimas notícias encontradas no DP, a mudança na representação de Patrice Lumumba no *Diário de Pernambuco* entre 1966 e 1967 revela uma nuance na abordagem jornalística sobre a África. Longe de ser um abandono total das representações estereotipadas, essa nova postura, que celebra o aniversário de sua morte e o eleva a "grande esperança" para a "África negra" em um poema de Rachel de Queiroz, pode ser interpretada como uma apropriação de sua figura dentro da lógica do anticomunismo. Ao comparar Lumumba a John

F. Kennedy, o jornal o insere em um círculo de mártires políticos alinhados com o Ocidente, desvinculando-o da imagem de "beluíno" e "perigoso" que anteriormente o jornal havia construído. Essa nova narrativa, aparentemente "positiva", serve para fragmentar o líder congolês como uma figura trágica, cuja promessa de liderança foi interrompida, e não como um líder anticolonial que lutava contra a hegemonia europeia e que poderia ter se alinhado ao bloco comunista.

Dessa forma, as representações de África no Diário de Pernambuco não mudaram, apenas foram adaptadas: em vez do retrato da "selvageria" em vida, o jornal constrói o mártir após a morte, um Lumumba agradável para o discurso ocidental, cujas aspirações de soberania são mitigadas e controladas pela narrativa hegemônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta monografia buscam sintetizar as principais contribuições deste estudo para o campo da história contemporânea da África e das independências africanas, destacando, sobretudo, a importância da imprensa na construção de narrativas históricas e seu papel na formação da opinião pública no estado de Pernambuco.

A análise da repercussão de Patrice Lumumba no *Diário de Pernambuco*, no período de 1960 a 1969, revelou que o jornal não se limitou a reportar os acontecimentos relacionados à independência do Congo, mas desempenhou um papel ativo na criação e disseminação de narrativas políticas alinhadas aos interesses geopolíticos da Guerra Fria. Ao enquadrar Lumumba como uma ameaça comunista e um agente subversivo, o DP reforçou a dicotomia entre os valores tradicionais e os ideais revolucionários, contribuindo para a manutenção de uma ordem política conservadora. Essa estratégia de cobertura não apenas distorceu a imagem de Lumumba, que poderia ser interpretado como um herói nacional e libertador, mas também serviu para manipular a percepção dos leitores, justificando medidas repressivas e a consolidação de interesses externos.

A narrativa veiculada pelo DP é especialmente significativa quando confrontada com as próprias palavras de Lumumba. Em uma carta emblemática, o líder congolês denuncia a distorção de sua imagem e a instrumentalização dos meios de comunicação para ocultar a verdadeira realidade dos abusos coloniais:

“O mundo diz que nós somos selvagens, ferozes e muitos dos senhores têm endossado esta legenda. O mundo crê que nós violamos mulheres brancas, matamos os europeus, massacramos os sacerdotes e muitos dos senhores escreveram essas coisas. Mas os senhores sabem o que se passa. Veem na rua, os folhetins belgas que falam das mulheres de Lumumba, dos brilhantes e das riquezas dos nossos ministros, de suas amantes: e os senhores sabem que isso não é certo. Os senhores leem que sou comunista e quero socializar as mulheres. Conhecem a verdade? Quem ditou esses folhetins? são os colonialistas...” (LUMUMBA, 2018, p 95)

Esse trecho ilustra a tensão entre a realidade dos fatos e a narrativa construída pela imprensa, demonstrando como a cobertura midiática pode ser utilizada para perpetuar estereótipos e interesses políticos. Ao retratar Lumumba sob uma ótica distorcida, o DP

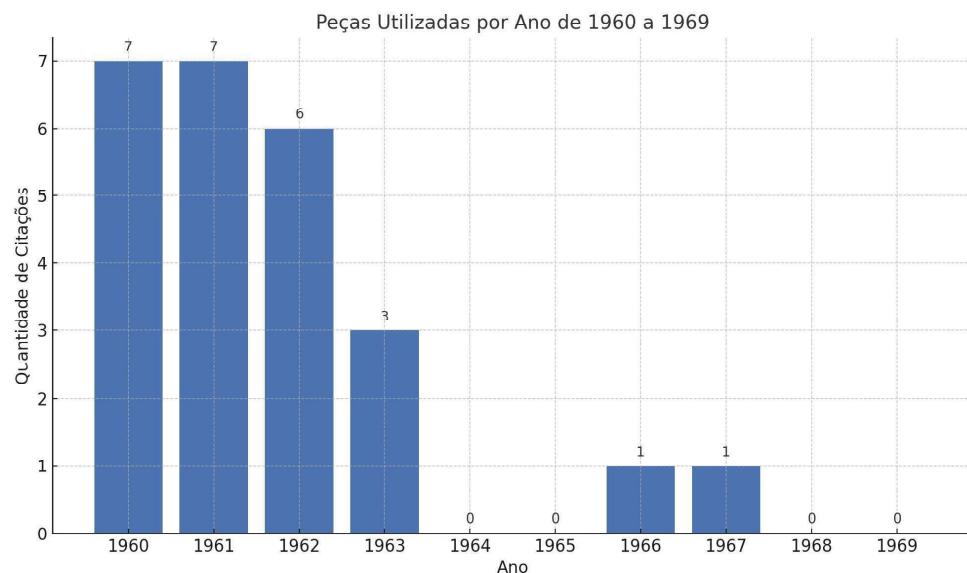
participou de um esforço maior de desinformação, contribuindo para a demonização de um líder que, na prática, buscava a emancipação e a autodeterminação de seu povo.

Ademais, as análises realizadas neste estudo evidenciam que os conflitos no Congo, embora tenham assumido novas roupagens ao longo das décadas, ainda carregam traços da herança colonial. A exploração dos recursos naturais, a violência política, as divisões étnicas manipuladas pelas potências coloniais e a intervenção estrangeira permanecem como elementos estruturais que alimentam a instabilidade na região. Essa persistência dos problemas históricos destaca a relevância de estudos que interliguem a construção das narrativas midiáticas à compreensão das dinâmicas políticas e sociais, não apenas no contexto africano, mas também na formação da memória histórica em outras regiões, como Pernambuco.

Em síntese, a monografia evidencia que a imprensa exerce um papel crucial na construção de narrativas que vão além da mera comunicação dos fatos. Ela se torna um agente ativo na formação de ideologias e na manutenção de sistemas de poder, tanto local quanto globalmente. Este estudo contribui para preencher lacunas na pesquisa sobre o papel dos meios de comunicação na história das independências africanas e reforça a importância de se investigar criticamente as fontes históricas, possibilitando uma leitura mais complexa e multifacetada dos eventos que marcaram o fim do colonialismo.

A relevância deste estudo é ampliada pela Lei nº 10.639/2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Ao desvelar as representações distorcidas da África e de seus líderes na imprensa local, a monografia oferece subsídios para uma abordagem mais crítica e aprofundada do continente. Com isso, contribui para a desconstrução de preconceitos e a valorização da herança africana, alinhando-se diretamente aos objetivos dessa fundamental legislação.

ANEXOS-



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Título do discurso**. Museum für Asiatische Kunst, Berlim, 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta: Discursos, Conferências e Entrevistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

PEREIRA, Clayton Marcio Hermes. **Representações da Guerra do Biafra no Diário de Pernambuco: considerações sobre o símbolo da fome (1970-1989)**. 2023. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

CONCEIÇÃO, Juvenal de Carvalho. **Em pauta: VEJA, Tempo e as representações da África**. 2018. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

DE WITTE, Ludo. **The Assassination of Patrice Lumumba**. Londres: Verso, 2001.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GERARD, Emmanuel; KUKLICK, Bruce. **Morte no Congo: o assassinato de Patrice Lumumba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997.

HOCHSCHILD, Adam. **O fantasma do rei Leopoldo** (título original: King Leopold's Ghost). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HONORATO, Felipe Antonio. **Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congolesa: uma análise a partir do jornal Le Soir**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

JORGE, Nedilson (Org.). **História da África e relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018. (Coleção eventos). ISBN 978-85-7631-757-9.

KALB, Madeleine G. **The Congo Cables: The Cold War in Africa – From Eisenhower to Kennedy**. Nova York: Macmillan, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LUMUMBA, Patrice Émery. **A África será livre**. Brasília: Editora Reaja, 2018.

MARTINS, Pedro A. **A crise do Congo vista pela imprensa portuguesa (1960-1965)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

MONARI, Kennedy. “Exploring the intellectual legacies of Patrice Lumumba.” **The Thinker**, v. 99, n. 2, p. 24-34, 2024.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A invisibilização da África na cobertura da mídia brasileira**. Disponível em:
<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/a-invisibilizacao-da-africa-na-cobertura-da-midia-brasileira/>

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Visões sobre a África: representações e estereótipos coloniais nas capas da revista Visão, Portugal (2006-2019)**. Crítica Histórica, v. 6, n. 17, 2015.

PAIM, Márcio Luís da Silva. **África nos editoriais da Folha de São Paulo (1989-2001).** 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

PECK, Raoul. **Lumumba.** França: Velvet Film, 2000. Disponível em:
<https://www.example.com>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RECHETNIAK, Nikolai; ANOKHINE, Vladimir; GONÇALVES, Humberto. **Patrice Lumumba: patriota, lutador, humanista.** Brasília: Edições da Agência de Imprensa Nôvostí, 1990.

REIS, Luiza Nascimento dos. **Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960).** Recife: Editora UFPE, 2021.

ROSA, Evellyn. “A crise congolesa: nacionalismo, separatismo e guerra fria (1959-1961)”. **Revista Estudos Africanos**, v. 14, n. 28, p. 68-89, jul./dez. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **Colonialism and Neocolonialism.** London: Routledge, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo. “Patrice Lumumba: memória, resistência e legado”. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, v. 6, n. 11, p. 25-52, jan./jun. 2022.

THOMPSON, John B. **Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the Era of Mass Communication.** Cambridge: Polity Press, 1990.

YOUNG, Crawford. **The African Colonial State in Comparative Perspective.** New Haven: Yale University Press, 1994.

YOUNG, Crawford. **The Post-colonial State in Africa: fifty years of independence.** Madison: University of Wisconsin Press, 2012.